

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA  
NÍVEL MESTRADO**

**ROBERTO DOS SANTOS GOMES**

**NIETZSCHE E AS IMPLICAÇÕES DO NIILISMO PARA UMA RELEITURA DO  
CRISTIANISMO E DA PRÁTICA DE JESUS**

**SÃO LEOPOLDO**

**2019**

**ROBERTO DOS SANTOS GOMES**

**NIETZSCHE E AS IMPLICAÇÕES DO NILISMO PARA UMA RELEITURA DO  
CRISTIANISMO E DA PRÁTICA DE JESUS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia, pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Adilson Felício Feiler

**SÃO LEOPOLDO**

**2019**

G633n

Gomes, Roberto dos Santos.

Nietzsche e as implicações do Nihilismo para uma releitura do cristianismo e da prática de Jesus / por Roberto dos Santos Gomes. – São Leopoldo, 2019.

65 f. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, São Leopoldo, RS, 2019.

Orientação: Prof. Dr. Adilson Felício Feiler, Escola de Humanidades.

1.Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900. 2.Jesus Cristo. 3.Cristianismo – Filosofia. 4.Nihilismo – Filosofia. I.Feiler, Adilson Felício. II.Título.

CDU 1NIETZSCHE

1:23/28

17.037

Catálogo na publicação:  
Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

ROBERTO DOS SANTOS GOMES

**NIETZSCHE E AS IMPLICAÇÕES DO NIILISMO PARA UMA RELEITURA DO  
CRISTIANISMO E DA PRÁTICA DE JESUS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia, pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Aprovado em 23 de julho de 2019.

BANCA EXAMINADORA

---

Orientador: Prof. Dr. Adilson Felício Feiler – UNISINOS

---

Prof. Dr. Castor Mari Martin Bartolomé Ruiz – UNISINOS

---

Prof. Dr. Clademir Luis Araldi – UFPEL

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço ao Deus que me criou e que me sustenta diariamente; que me fortaleceu durante essa trajetória de percalços e alegrias, dando-me coragem e força para que eu pudesse servir de instrumento em Suas mãos e mostrar Sua graça a todos.

Agradeço aos meus Pais: Tereza de Jesus Gomes e Alfredo Caetano. Também agradeço a Dom Dimas Lara Barbosa, às Paróquias: Sagrado Coração de Jesus, Campo Grande-MS, Nossa Sr<sup>a</sup> de Caravaggio, Canoas-RS, Imaculado Coração de Maria, Esteio-RS e a todos os que, de alguma forma, me acompanharam ao longo dessa caminhada, que não foi fácil, mas foi de extremo valor. Agradeço a eles, que nunca deixaram eu desistir, que me apoiaram e me socorreram todas as vezes que precisei, que me ensinaram o valor do conhecimento e, principalmente, o valor da humanidade.

Aos professores, por toda sua dedicação de tempo e companheirismo durante esse período de Universidade, especialmente ao Dr. Adilson Felício Feiler, ao Dr. Castor Bartolomé Ruiz, ao Dr. Claudemir Araldi, que se propuseram a me ajudar e auxiliar, mostrando o quanto eles são bons profissionais e seres humanos.

**Aos colegas e amigos, que estiveram comigo nessa batalha, meu muito obrigado, em especial a Paulo Rair Xavier de Castro, Therezinha Mesquita, Clarice Maria Borges de Paula, Ana Abreu, Cheila Machado, Helena Heck e Rodrigo Bispo Souza, que estiveram ao meu lado em todos os momentos me ajudando e me apoiando durante esses dois anos e meio.**

## RESUMO

A fim de avaliar as implicações que o niilismo provocou para uma determinada forma de vida do Cristianismo que desprende da prática de Jesus, a presente pesquisa tem como problemas principais a descrição do ser humano niilista ideal que se torna massa de rebanho, que deixa de lado a certeza da perpetuação da vida e se prende em verdades absolutas. Para tanto, será apresentada uma caracterização do desdobramento e sistematização da razão como experiência religiosa da necessidade psicológica de um sentido último. Por isso, se dará um acento especial na identificação da vida cristã ideal de raízes platônica-judaicas que se distancia da práxis do tipo Jesus e vivencia a consumação do niilismo a partir da hipótese de três formas com que o Cristianismo se apresenta: o Cristianismo da prática de Jesus, do qual se desprende um tipo psicológico; o Cristianismo da fé apostólica da Ressurreição; O Cristianismo da sistematização da fé em doutrinas. Em quais destas formas é possível apostar numa aproximação nietzschiana de afirmação da vida?

**Palavras-chave:** Niilismo. Cristianismo. Prática. Jesus.

## **ABSTRACT**

In order to evaluate the implications that nihilism has induced for a particular way of life of Christianity that comes from the practice of Jesus, the present research aims to describe the ideal nihilistic human being that becomes mass of herd, leaves aside the certainty of the perpetuation of life and holds on to absolute truths; characterize an outspread and systematization in the organization of reason as a religious experience of the psychological necessity of an ultimate sense; Identify the ideal Christian life of Platonic-Jewish roots that moves away from Jesus-type praxis and experiences the consummation of nihilism from the hypothesis of three Christianity: 1- The Jesus of practice is: the Nietzschean psychological Jesus; he is the last Christian, and he died on the cross. 2- Christianity which borns from the Cross-(Apostles); 3- Christianity of the systematization of faith (dogmas).In which of these ways is it possible to bet on a Nietzschean approach to life affirmation?

**Keywords:** Nihilism. Christianity. Practice. Jesus.

## LISTA DE SIGLAS

AC	O Anticristo
BM	Além do bem e do mal
CI	Crepúsculo dos ídolos
FP	Fragmentos póstumos
GC	A gaia ciência
GM	Genealogia da moral
ZA	Assim falou Zaratustra



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 A RELEITURA DO NIILISMO COMO CONTRIBUIÇÃO PARA A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DO CRISTIANISMO .....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 Formas Diversas do Niilismo .....</b>	<b>13</b>
<b>2.2 Niilista Passivo e Ativo .....</b>	<b>19</b>
<b>2.3 Niilista Passivo .....</b>	<b>21</b>
<b>2.4 Niilista Ativo.....</b>	<b>23</b>
<b>2.5 A Prática de Jesus e a Prática do Cristianismo.....</b>	<b>27</b>
<b>3 AS RAÍZES DA EXPERIÊNCIA CRISTÃ.....</b>	<b>33</b>
<b>3.1 Raiz Moral da Resignação .....</b>	<b>33</b>
<b>3.2 Jesus é Transvalorador? .....</b>	<b>38</b>
<b>3.3 O Jesus da História.....</b>	<b>39</b>
<b>3.4 Jesus Seria um Ressentido?.....</b>	<b>46</b>
<b>3.5 A Consumação do Niilismo no Cristianismo - Cristianismo na Forma do Reino de Deus .....</b>	<b>55</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>62</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo destacar a relevância do pensamento de Nietzsche e as implicações do Niilismo para uma releitura do Cristianismo e da prática Jesus, de Friedrich Nietzsche (1844 -1900). Nascido em Weimar, Alemanha, Nietzsche é um dos pensadores mais influentes de todos os tempos, inclusive nos dias de hoje. Suas influências vão desde a literatura, arte, estética e movimento naturalista alemão ao existencialismo francês. Nietzsche era filho de pastor. O filósofo viveu o período histórico da modernidade do século XIX marcado por uma transformação social que almejava a evolução e o futuro.

A modernidade chega ao seu avanço com a degeneração e a negação da vida. A vida negada e degenerada é pautada no excesso de pessimismo ou otimismo que anuncia a morte de Deus e a falência do homem. O que resta, então, ao homem moderno que, com o avanço técnico-científico, sente a desmotivação da vida e a morte de Deus? Resta-lhe o eterno retorno, a fatalidade e acolher o destino, para não ficar no vazio. Neste texto, Nietzsche, amparado pelo conhecimento filosófico, terá ferramentas para tecer crítica ao homem da modernidade do ocidente, que vive as implicações niilistas idealistas e enfraquece a si mesmo.

O Cristianismo, distante da prática de Jesus, não é a cura para o homem e sim, a sua doença. A doença do excesso de pessimismo ou de otimismo se instaura no homem moderno, à medida que os preceitos morais transformam o natural ou orgânico em algo divino, isto é, algo relacionado às explicações celestes.

O real impacto sobre o enfraquecimento do homem moderno pode ser qualificado através de paradigmas de valores que foram criados em determinados momentos da história para responder à realidade do momento. O problema é que o que surge para responder a um fato na história, acaba perdurando como um modelo e um padrão de verdades a serem seguidos.

Os modelos ultrapassados pela realidade histórica tomam forma e ganham espaço: se, antes, os paradigmas eram para a realidade presente, na modernidade eles são paradigmas para respostas futuras, isto é, são verdade celeste, ou seja, passam do real para o ideal, que quase sempre está justificado no querer de Deus. Em vista disso, os paradigmas se eternizaram numa vida posterior a ponto de negar a vida sobre a terra.

Nietzsche constata que a eternização é bem anterior ao século XIX, em particular, no período platônico. A crítica nietzschiana não é um simples discordar do pensador, mas antes de tudo, é uma fundamentação histórica que constata os mecanismos da moral e da crença mal interpretados, usados no Cristianismo para afirmarem verdades absolutas na cultura ocidental. As verdades firmadas a partir da moral e da fé cristã contribuem para diversas formas do Nihilismo que desencadeia na cultura de pecado, culpa ou expiação.

No segundo capítulo, apresentaremos algumas formas do Nihilismo, como: a meta com um sentido último; o estado psicológico que cria dependência do homem a um estado infinitamente superior; a sistematização e a organização da razão (Platão, Kant) como necessidade psicológica; a descrença em mundo físico. As várias formas dos acontecimentos nihilistas geraram um único sentimento: o não suportar este mundo, porque nada pode abranger a pluralidade dos acontecimentos.

O ideal ou o mundo das ideias provoca uma cisão entre dois mundos, entre dois polos: Dionísio e Apolo, entre o bem e o mal. Além da cisão entre os antagônicos, vale destacar que o Cristianismo, ao aderir ao platonismo como ideal de vida, focou com veemência na vida além do mundo presente, um mundo induzido à massa por meio de ideias pré-fabricadas.

O mundo pré-fabricado parte de uma moral cristã, mas tem sua predominância no Nihilismo perene. A massa induzida que vive um Nihilismo eterno é a que age como fraca, doente e rancorosa contra os fortes. O ser humano pré-fabricado na cultura, na história e na religião torna-se um doente-nihilista. Portanto, ninguém escapa das condições ou do atavismo impostos pela doutrinação religiosa e cultural, que seria o bem e o mal ou o que se pode e o que não se pode fazer. O atavismo do peso e da culpa, da remissão e da eternidade fizeram com que o homem chegasse à modernidade com o sentimento de ausência de valor e, sem valor, constatando o Nihilismo, ou seja, o nada. Em meio ao nada, estão as várias formas de Nihilismo que podem, ou não, acomodar o homem a um único modo de viver. É importante ressaltar que passar por várias formas do Nihilismo não exclui a estagnação em uma forma de Nihilismo, por exemplo, a forma nihilista passiva, negativa ou reativa. A estagnação nessas formas é criticada por Nietzsche, porque o nihilista passivo é a pior forma, para Nietzsche, pondo sua esperança além deste mundo; o nihilista negativo suporta este mundo porque vê um Deus dos fracos, um Deus vingativo; o nihilista reativo é o que matou a verdade, acreditando num mundo melhor que está por vir. O mundo melhor

serão os dias das revoluções; enquanto isso não acontece, vive à mercê da ciência como mantenedora da verdade e de suas respostas. Nas várias formas de Niilismo, Nietzsche enumera quatro formas. Contudo, entre as quatro formas, o pensador ressalta duas que são os extremos: o niilista passivo e o niilista ativo. Passivo é aquele que esgotou a potência, colocando-se na condição de escravo. Nessa condição a vontade é trocada pela moral que apresenta um outro mundo, o mundo ideal. Quando o niilista passivo percebe que não há nada além do mundo real, deixa de acreditar em tudo, restando-lhe apenas o ressentimento.

Já o niilista ativo é aquele que se firma neste mundo porque a vontade de potência age nele, abre um espaço em cada ponto forte e em cada ponto fraco, aceitando a força que vem de si e o destino para habitar este mundo terreno. O homem afirmador da vida alavanca inúmeras demandas para viver o destino. A prática de Jesus pode ser considerada nobre por ser autêntica e acolhedora da vida e do destino. Entre a práxis de Jesus e a prática do Cristianismo há uma diferença porque, enquanto Jesus tem o princípio de acolher o destino de forma ativa, autenticando tudo o que é forte e nobre; a prática do Cristianismo de Paulo é aquela que se desprende deste mundo em função de um mundo ideal, sem dor, sem conflito.

De acordo com Nietzsche, a prática de Jesus é autêntica porque ele prega a si mesmo como interação com Deus e com o outro. O Cristianismo paulino, por sua vez, associa o instinto à justiça dos ressentidos, à igualdade e à universalidade. O Cristianismo paulino compactua com o platonismo e usa do instinto para acessar a virtude, que seria o espírito puro e o bem em si. Enquanto a prática de Jesus o (a quem?) faz um criador de si, por estar em consonância com a terra, a vida, o corpo e o criador, a prática do Cristianismo o faz ser decadência, por querer eliminar a realidade para viver a transcendência.

A dualidade do Cristianismo se distancia de Jesus. Surge, então, a hipótese de três Cristianismos:

- a) o Jesus da prática, o último cristão, que morreu na cruz;
- b) o Cristianismo que nasce da Cruz (Apóstolos e Paulo);
- c) o Cristianismo da sistematização da fé (dogmas).

A práxis cristã chega ao vazio. É preciso retornar ao tipo psicológico de Jesus, do qual deriva uma práxis que ressalta o aspecto Crístico e, por consequência, o espírito do Cristianismo. A raiz moral da resignação que determina o forte e o fraco, o

nobre e o vil ou o senhor e o escravo é um erro que se perpetua na história ocidental e se tornou critério para medir a vida.

A vida medida acaba por cair no esgotamento, por uma incapacidade que determina a exclusão de todas as outras formas de vida. Resignar-se é dar à própria vida um aspecto sombrio. Portanto, não se resignar é transvalorar a raiz cristã platônica, que se firma em anunciar dois mundos, o do bem e o do mal ou, no caso do Cristianismo, em anunciar um Jesus que morreu pelos pecados e culpas, e que reduz o ser cristão a artigos de fé pela verdade revelada.

Jesus transvalora a raiz judaica mediática quando se afirma nas forças ativas. Jesus orbitava à margem de toda a religião, de conceitos, de cultos, etc. Logo, o Jesus do tipo psicológico de Nietzsche é o homem que se firma na força da vida, na unidade consigo mesmo, ultrapassa as valorações judaicas. A unidade de Jesus é extra social porque mostra como se deve viver a boa notícia. A boa notícia faz de Jesus um homem não ressentido, porque sua vida e morte foram práticas de vida que, em Nietzsche, não prevê a salvação dos homens e sim, responsabiliza-se pelos seus atos sem encolerizar-se e sem resistir aos malvados.

O tipo Jesus do qual se deriva uma prática transformadora não é uma religião da fórmula, do faça isso ou faça aquilo. Portanto, a vida de Jesus foi uma prática sem pretensão de fórmula ou rito algum, inclusive para relacionar-se com Deus. Já o contrário de Jesus é o Cristianismo que se utiliza de expediente morais para o anúncio do reino de Deus.

As figuras Pedro e Paulo, como representação e mediação do Cristianismo, após a morte de Jesus, fazem da conduta do Nazareno uma nova fé, isto é, a Ressurreição e o mundo vindouro. A nova fé que transcende a realidade abre uma brecha para a consumação do Nihilismo na religião cristã, isto é, entre a morte de Jesus e o nascer do Cristianismo. Portanto, se a nova conduta de Jesus é uma práxis da afirmação da vida e da aproximação com Deus, a conduta da moral cristã, ao tirar Deus do meio dos homens e levá-lo às alturas, anunciando uma remissão dos pecados pela mediação apostólica, como condição de um mundo melhor, isto é, um mundo vindouro, assume conceitos platônicos de dois mundos, distanciando-se da prática de Jesus.

De acordo com Nietzsche, o Cristianismo assumido na modernidade ocidental é moral, porque anuncia a necessidade da remissão do pecado para alcançar a salvação, mantendo o ser humano na condição de subjugado, impossibilitando-o de

ultrapassar o Niilismo. Por essa razão, Nietzsche considera o Cristianismo, dentro de seus moldes gerais, como maldito. O questionamento nietzschiano vai além da prática do Cristianismo porque põe em xeque o que foi escrito e falado sobre Jesus, isto é, entre a prática e as afirmações de fé cristã, ou seja, os Evangelhos parecem divergir do tipo psicológico de Jesus. Quais os critérios que um moralista emprega para a determinação do que é moral ou imoral?

## 2 A RELEITURA DO NIILISMO COMO CONTRIBUIÇÃO PARA A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DO CRISTIANISMO

A partir deste capítulo, veremos a releitura do Niilismo como contribuição para a **experiência** religiosa do Cristianismo. A contribuição da releitura do Niilismo para a **experiência** religiosa acontece por meio do desdobramento e a sistematização na organização da razão como necessidade psicológica de um mundo além deste. O mundo além deste, cria as formas de vida do Niilismo. Logo, o Niilismo é impregnado na vida cristã, porque quase todas as formas niilistas trocam o mundo real por um mundo ideal moral.

### 2.1 Formas Diversas do Niilismo

Nietzsche (2012, v. 7, p. 36), no livro *Fragmentos Póstumos* (1887-1889 - Vol. VII (FP)), afirma que o Niilismo é a conscientização da longa dissipação de força, a agonia do em vão, a insegurança e a falta de oportunidade de descansar. O Niilismo longo fundamenta-se na meta do bem-estar, com a meta é chegar a um estado de conforto. Nietzsche acredita que o ser humano precisa de meta, mas uma meta sem sentido, que não seja determinada por nada.

O Niilismo é um estado psicológico que estabelece uma totalidade, uma sistematização e uma organização em todo o acontecimento. O Niilismo é uma espécie de unidade de dependência de relação do homem a um outro infinitamente superior. (NIETZSCHE, 2012, p. 37). O Niilismo é um estado psicológico que inventa um mundo para além desse mundo. O homem só ganha por necessidade psicológica e, como o mundo além deste não tinha razão nenhuma, surge a última forma de Niilismo, que encerra a descrença em um mundo físico. Sob esse ponto de vista, admite-se a realidade do *devenir* como única realidade, proibindo-se todo tipo de atalhos para transmundos e falsas divindades. (NIETZSCHE, 2012, p. 37).

As várias formas dos acontecimentos niilistas geraram um único sentimento: o não suportar este mundo. Todos os valores firmados na existência podem ser interpretados como unidade ou meta e nada pode abranger a pluralidade dos acontecimentos. Tudo aquilo que foi firmado no decorrer da história ocidental, ou seja, os valores, para tentar convencer as pessoas da existência de um mundo verdadeiro, tirou a meta, a unidade e o ser, e agora o mundo parece sem valor. De acordo com

Azeredo (2003, p. 173), no livro *Nietzsche e a dissolução da moral*, a última forma do Niilismo como descrença em um mundo físico, no próprio corpo, é a ausência de plenitude e a afirmação da vida. A vida sem potência de vontade passa a ser entendida como falta de vontade de viver.

A radicalização do Niilismo na obra de Nietzsche acerca da posição de um novo sentido de criação e de aniquilamento, segundo Araldi (2002, f. 36), diz que “[...] o emprego do termo Niilismo (der Nihilismus), nesses póstumos abordados, aparece no sentido de diagnosticar as diversas manifestações da doença ou crise inscritas no homem moderno”. A doença inscrita no homem moderno foi procurar um mundo ideal para conservar o instinto da vida. Em vista disso, a negação constitui-se como meio de sobrevivência e manutenção. (AZEREDO, 2003, p. 173).

A pesquisa, a partir das bibliografias de Nietzsche, levou à constatação de que, entre as várias formas do Niilismo, o Cristianismo da prática moral distancia da pessoa de Jesus. É de grande valor ver nas bibliografias nietzschianas que o Niilismo contribui para uma reflexão de um Cristianismo autêntico. Por outro lado, esperamos não só chegar às contribuições de Nietzsche para um Cristianismo autêntico, como também, saber que tipo de Jesus Nietzsche aceita, partindo do ponto que, para Nietzsche, tudo está submisso à terra, ao *devoir* e à força de potência.

A partir dos textos de Nietzsche e de seus comentadores, é possível ver a criticidade que Nietzsche dirige à modernidade e à religião de sua época. Se formos mais audaciosos, podemos dizer que a fala de Nietzsche é bem atual no mundo ocidental. Nietzsche, ainda hoje, é um dos grandes filósofos a romper com os sistemas petrificados. Nas palavras de Marton (2000, p. 10), no livro *Extravagâncias - Ensaios Sobre A Filosofia De Nietzsche*, Nietzsche é um extemporâneo, porque o pensamento do filósofo explora múltiplos aspectos. Podemos dizer que, ao percorrermos um filósofo tão amplo em suas ideias, queremos investigar o sentido e avaliar o alcance do caráter religioso do Cristianismo.

A partir do livro *O Anticristo* e em outros escritos de Nietzsche, bem como os comentadores do filósofo alemão, queremos descobrir quais são as práticas, na vida de Jesus e na vida do Cristianismo, aceitas por Nietzsche. Por outro lado, queremos descobrir as implicações do Niilismo na vida de Jesus e do Cristianismo. Nietzsche (2017b), no parágrafo 46 do livro *O Anticristo* (AC), faz uma releitura do Niilismo em pleno século XIX no ocidente. O Niilismo que Nietzsche percebe está impregnado na vida cristã quando troca o mundo real por um mundo ideal moral.



A moral ideal para Nietzsche não passa de uma idealização platônica do bem e do mal, do pode e do não pode etc. A classificação dos antagônicos entre bem e mal, bom ou ruim, para Nietzsche, são conceitos inventados para tirar a vida da dança desenfreada e colocá-la sobre um pensamento lógico e metafísico. (MARTON, 2000, p. 10).

Segundo Marton (2000, p. 10), no livro *Extravagâncias - Ensaio Sobre a Filosofia de Nietzsche*, o filósofo faz da dança sua aliada no combate à metafísica e à religião cristã. Por meio de um malabarismo entre os antagônicos que se desencontram e se reencontram, Nietzsche ataca os valores estabelecidos pela moral do ressentimento que, de certa forma, exclui os acontecimentos contrários da vida. Nietzsche, por meio de seu pensamento, desconstrói um tipo de Cristianismo que eleva Deus e enfraquece o homem. Para o pensamento nietzschiano, a modernidade mata o Deus cristão quando o põe nas alturas para fugir da realidade presente.

Nietzsche não só ataca o Cristianismo, como também constata a morte de Deus. Por conseguinte, através de sua filosofia, o pensamento nietzschiano convida a modernidade a transvalorar todos os valores. Nietzsche (2012, v. 7, p. 28-35), nos *Fragmentos póstumos*, afirma que o mundo não é de maneira alguma um organismo, mas o caos, ou seja: o desenvolvimento da espiritualidade é um meio para a duração relativa da organização. O Niilismo filosófico é a convicção de que todo acontecimento é sem sentido.

Retomando o nosso tema da releitura do Niilismo como contribuição para a experiência religiosa do Cristianismo, podemos constatar que o sentido moral cristão, ao dar sentido ao que é em vão, perde o valor da vida. E o que é em vão? De acordo com Nietzsche (2012), o que é em vão parte do julgar o valor da vida pelos sentimentos agradáveis ou desagradáveis da consciência, porque, quando se julga a mente, já se possui um valor da consciência, e a consciência é apenas um meio e não um fim. Nos *Fragmentos póstumos*, Nietzsche (2012, v. 7, p. 28-35) diz que, para podermos alterar o Niilismo, precisamos partir do *quantum* de poder elevado e organizado, segundo o qual acontece uma vontade de querer mais e mais, ou seja, a vontade de um querer que não se esgota.

A releitura do Niilismo como contribuição para a experiência religiosa do Cristianismo contribui para rever os métodos, processos e movimentos que afirmam, por exemplo, o quanto de oração, de virtude, de unguento, de virgindade, de incenso, de caprichos são necessários e se esquece da vida. De acordo com Rodrigues (2004),

no artigo *Nietzsche e Platão, a arte e a orquestração das paixões*, quem não ganha a voz ataca as paixões e atacar as paixões é ir contra a própria vida. O Cristianismo que ataca as paixões busca uma razão entre fé e razão. Valadier (1999, p. 21), no livro *Um Cristianismo de Futuro*, chama esse método uma forma de conter as paixões de uma nova aliança entre razão e fé. Para Nietzsche, quando o homem se colocou como medida do mundo, adoeceu e enlouqueceu. Esta loucura tem as suas origens filosóficas num tipo de racionalismo que tem o efeito de pôr fim a qualquer distância entre o homem e o homem, o homem e a Natureza, o homem e Deus, o ser real e a aparência ilusória.

Nietzsche (2017c, p. 27, §5), no livro *Crepúsculo dos Ídolos* (CI), diz que tudo o que ataca a vida depende de conceitos morais, e os conceitos morais são espiritualização da paixão. Nietzsche também afirma que “tudo que diviniza um desejo é avidez de domínio e ânsia de vingança.” A vingança para Nietzsche vai contra tudo que é forte e nobre, porque a moral vingativa não passa de instrumento dos escravos. Contra essa moral, Nietzsche compactua com a moral dos Senhores. E o que seria a moral dos Senhores? A moral dos Senhores é a do enaltecimento e da expansão. De acordo com Francklin (2018), no artigo *O Cristianismo na perspectiva nietzschiana e a superação do Niilismo*, a moral aristocrática é contrária à moral dos escravos porque valoriza a glória, as conquistas, e busca o poder.

Nietzsche, ao retomar a *Genealogia da Moral*, percebe que a moral aristocrática da glória e do poder dos romanos foi minada pela moral dos escravos judeus ressentidos e, posteriormente, pelos cristãos ressentidos. Na releitura histórica do Niilismo, como contribuição para a experiência religiosa do Cristianismo, é possível perceber que a moral dos escravos passou a ser vista como verdadeira, para satisfazer a vontade de um Deus bom e único, que promete a salvação eterna. (FRANCKLIN, 2018, p. 72). De acordo com o pensamento de Nietzsche, a elevação do poder às alturas ou a força da vontade de potência elevada à vontade de um Deus, é uma das formas de vida que se prende ao Cristianismo, deixando de lado o homem nobre, conseqüentemente, se desprendendo da prática de Jesus. Ao inverter o aspecto crístico de Jesus pela moral, o Cristianismo apequenou o homem, colocando-o na condição de escravo que deixa de afirmar todos os seus sentidos para que reconhecer os valores morais do bem cristão. (FRANCKLIN, 2018, p. 72).

Para Nietzsche (2013, p. 35), no parágrafo 1 do livro *Genealogia da Moral* (GM), o Niilismo que se perpetua após a morte de Jesus, invalida a prática do Cristianismo,

que passa a agir em sua conduta moral como um amesquinamento do homem e como desconfiança idealista que ocasiona incertezas da existência. A conduta moral cristã admite o princípio ativo em alguma coisa puramente passiva, automática, refletiva e, fundamentalmente, em vão. Tudo o que é em vão acaba sendo utilitário; o que é utilitário se vincula a um objeto ou fato.

A linguagem do Cristianismo do bom e do mal, do altruísta, vinculada à moral utilitária, que se apodera da consciência humana, tira a sua origem do conceito “bom”, e a coloca num lugar indevido onde predomina o juízo “bom”. A linguagem moral do juízo surge com o objetivo de definir a dependência em relação à divindade, exigindo que o homem renuncie a sua individualidade para entregar-se à universalidade de rebanho. O Cristianismo do apequenamento é a moral do dar sentido aos acontecimentos sem correlacioná-lo com o caráter do ser em sua singularidade. Nesse caso, a moral deixa de ter significado e passa a ser uma falsificação psicológica das coisas imediatas.

Nietzsche, ao criticar a moral cristã, não está embasado apenas em um conhecimento histórico, mas parte de uma experiência de fé inquestionável e genuína como base de sua vida familiar. De acordo com Young (2014, p. 5), no livro *Friedrich Nietzsche, uma biografia Filosófica*, a família de Nietzsche tinha ideias radicais, a ponto de Nietzsche expressar, no final de sua carreira, a seguinte frase: “Eu sou a pessoa certa para declarar guerra ao Cristianismo, porque ele nunca me causou um grande infortúnio ou restringiu minha vida, e os cristãos praticantes sempre tiveram uma atitude positiva em relação a mim.” Nietzsche, filho de uma família tradicional cristã luterana cresce cercado por famílias de pastores luteranos. (YOUNG, 2014, p. 5).

O pai de Nietzsche, pelo que consta nos escritos nietzschenianos, era um excelente pastor e pai. Prezava a família e era muito amigo do filho. Pelo que consta nos comentários sobre a infância de Nietzsche, o pai foi o precursor de inserir o filho na crença teológica, no gosto pela cultura alemã e na música. (YOUNG, 2014, p. 5). O filósofo alemão cresce em um ambiente religioso e, embora depois da morte de seu pai, tenha buscado estudar teologia para ser pastor, não seguiu adiante com esta vocação. A vida de Nietzsche sofre uma guinada a ponto de haver o rompimento de Nietzsche com os preceitos religiosos. Nietzsche (2017d, p. 29), no parágrafo 3 do livro *Ecce Homo*, ao se reportar a sua infância, diz: “Eu considero um grande privilégio ter tido um pai assim: os camponeses,

diante dos quais ele pronunciava seus sermões”. O pai de Nietzsche era para ele uma figura de grande inspiração para a vida. A princípio, por Nietzsche ter vivido em um ambiente religioso e, apesar de, depois de adulto, ter seguido outro rumo, queremos considerar a ideia de que Nietzsche não exclui por completo o Cristianismo mas exclui o fundamentalismo cristão, que priva (o homem) da consciência individual. (YOUNG, 2014, p. 5).

O Cristianismo nivelou a vida pelo parâmetro de uma fé de sacrifício, da expiação, de cultos e dogmas. Nietzsche critica o Cristianismo que, em nome de uma fé moral, aprisiona o homem em suas fraquezas, que vão contra a vontade de potência na liberdade, no orgulho e na autoconfiança do espírito. O homem sem autoconfiança vive acorrentado. De acordo com Nietzsche (2000, p. 40), no livro *A gaia ciência* (GC), “O homem que se tornou, aos poucos, um animal fantasioso, deve acreditar de tempo em tempo que a razão existe, que sua espécie não pode prosperar sem uma confiança periódica na vida”. Conseqüentemente, quando o homem religioso perde a autoconfiança e o orgulho em si mesmo, ele vivencia uma experiência religiosa consolidadora do Niilismo em seu estado psicológico, que o prende ao futuro ou ao céu e renega o tempo presente e a terra. (NIETZSCHE, 2000, p. 40).

O Niilismo filosófico é falta de convicção. O Niilismo filosófico atua no psicológico, emite a ideia de que todo o acontecimento é sem sentido e nula a busca pelo árduo trabalho e o merecido descanso. A fé incessante que busca a salvação, a vida em seus ciclos, tudo se tornam buscas sem significado na existência humana. No livro *A gaia ciência*, Nietzsche (2000, p. 43) afirma que, na Inglaterra, existe uma doutrina da moral fundamental errônea, “segundo a qual os conceitos “bem” e “mal” traduzem o acúmulo das experiências sobre o que é “adequado” e “inadequado”. De acordo com essa doutrina, é chamado “*bem* aquilo que conserva a espécie, e *mal* aquilo que é prejudicial”.

A doutrina do bem e do mal é um erro que se perpetua na história ocidental e se torna critério para medir a vida como necessidade da remissão do pecado para alcançar a salvação. O Cristianismo moral mede a vida a partir da compaixão. Na opinião de Nietzsche (2017b, p. 20, §7): “O homem benevolente despreza os sentidos, as honras, a vida boa, a ciência, ele vê tais coisas abaixo de si, como se fossem forças danosas e sedutoras, acima das quais o espírito paira em puro isolamento”. Exalta a santidade que, até agora, causou danos e vícios à vida. Portanto, o espírito puro é a pura mentira.

O homem moderno sem convicção usa a doutrina do bem e do mal como expressões religiosas formalizadas, como formas úteis de sublimar problemas, deixando sem solução a vontade humana afetiva. (LAUSCHNER, 1969, p.136). A sublimação do problema mostra que a fé do homem está em discordância com a vida imanente, porque a crença, ao invés de apresentar ao homem condições de se fortalecer, ridicularizou-a em solenes ritos e cerimônias, na aparência de firmar a razão de conexão e na dependência de um todo infinitamente superior, isto é, a vida condicionada à divindade que transcende a natureza, que consolida o Niilismo como experiência religiosa. Nietzsche (2017b, p. 19), no livro *O Anticristo*, diz que “O Cristianismo é chamado de religião da compaixão, a compaixão se encontra em oposição aos afetos tônicos que elevam a energia da disposição para viver”. Todo aquele que se firma na compaixão pelo fenômeno da piedade, desencadeia a consciência domada porque aumenta em si o mau costume (piedade, compaixão), sem exercitar a experiência da vida imanente. Ora, o homem religioso faz uso da dependência da compaixão, porque busca uma crença negadora da vida do indivíduo.

A vida, para Nietzsche, é instinto de crescimento, de duração, de acumulação de forças, como instante de poder frente aos outros e a Deus. Portanto, Nietzsche vê em todas as coisas um sopro de nossa alma. Quem se põe a viver, faz um sopro de sua alma, torna o amor duração e acumulação de forças visíveis. O pensamento nietzschiano nos aguça a adentrarmos na leitura do Cristianismo para constatar se o Niilismo garantiu, ou não, a “[...] conscientização da longa dissipação de força, a agonia do ‘em vão’ ”. (NIETZSCHE, 2017b, p. 20, §7). Em vista disto, queremos apurar se o Cristianismo se enrijeceu em suas verdades transcendentais, ao passo que se distanciou da prática de Jesus para alçar o homem a um aprimoramento e a um desenvolvimento niilista. É importante termos a clareza de que Niilismo não é sinônimo de Cristianismo. O Niilismo é a insatisfação árida, desesperada, que sufoca a vida humana; o Niilismo é um estado psicológico da busca com sentido, que não chega a nenhum lugar. O Niilismo é o sem sentido e, sucessivamente, o sem medida. Estar passando pelo Niilismo nos coloca em uma postura de enfrentá-lo de forma ativa ou negativa.

## **2.2 Niilista Passivo e Ativo**

O que é o Niilismo? Nietzsche (2012, v. 7, p. 36), nos *Fragmentos Póstumos*, responde: o Niilismo é um estado psicológico que acontece quando se estabelece uma totalidade, já que todo o acontecimento exige uma sistematização e uma organização. Acontece que a entrega para obter o bem-estar universal é uma espécie de unidade a partir de uma dependência em relação ao todo infinito; todo aquele que vive os acontecimentos como unidade superior, é um niilista. Nietzsche (2012, v. 7, p. 37), nos *Fragmentos Póstumos*, acentua que o Niilismo, como estado psicológico, tem necessidade de inventar um mundo além do *devoir*. Ora, o mundo inventado é uma forma de o Niilismo submergir em um elemento de valor extramundano. Quem põe seu valor num mundo além do mundo só ganha espaço por necessidades psicológicas e, como ele, não tinha razão alguma para tanto. Assim, surge a última forma do Niilismo, que encerra a descrença em um mundo metafísico e que proíbe a crença em um mundo verdadeiro. Nietzsche (2012, v. 7, p. 37), nos *Fragmentos Póstumos*, diz: “[...] o sentimento da ausência de valor foi alçando, quando se compreendeu que o caráter conjunto da existência não pode ser interpretado nem com o conceito de meta, nem com o conceito de unidade, nem com o conceito de verdade”. Portanto, quando o valor foi colocado pelo homem e por ele tirado, o mundo parece sem valor.

Diante da ausência de valor do mundo, é possível o surgimento de uma fixação traumática de si e do mundo. No artigo *Filosofia de Nietzsche influenciou muitas gerações de intelectuais brasileiros*, Rubira (2018, p. 69) apresenta uma forma de superação: “Só o esquecimento é capaz de restituir o presente e, com isso, a possibilidade do novo, da alegria de viver”. Rubira (2018) reporta que a ausência de sentimentos de valor acontece porque determinada pessoa se depara com eventos traumáticos, que não a deixam reviver o acontecimento como, por exemplo: a dor, a morte e o luto, etc. Portanto, quem fixa o pensamento no sentimento de ausência de valor não é capaz de restituir o mundo presente, isto é, não dá possibilidade para novas demandas.

Em meio aos fatos, precisamos lembrar que o Niilismo como forma possibilita a cada qual, singularmente, a partir de suas interpretações, viver como um niilista ativo ou passivo, sendo que ambas as formas podem ser vividas por uma mesma pessoa sem determinação de tempo. Para tanto, a superação e o esquecimento das dores mais traumáticas é possível quando o homem se afirmar ativamente. De acordo com Rubira (2018), a força de potência é uma forma de saúde forte onde o esquecimento permite estar inteiramente no presente, no instante. Ora, o Cristianismo, para viver em

comunidade, desenvolveu uma força contrária à da memória; em vista disso, o sofrimento se torna contagioso através da compaixão (NIETZSCHE, 2017b, p.18, §6).

### 2.3 Niilista Passivo

Nietzsche (2011, p. 308, pt. IV), no livro *Assim falou Zaratustra*, diz que o niilista passivo é um dos últimos homens na escala da hierarquia, pela forma de como ele vaza e esgota a potência; deixa escoar a vontade para afirmar-se em outro lugar. A incapacidade de afirmar-se está no instinto de que tudo o que é nobre e transformador, deu lugar a tudo o que estagna e o põe na condição de escravo, ou seja, do ressentido. Ora, o homem moderno está cada vez mais doente porque não se afirma. Portanto, o homem niilista passivo, “[...] ao não se afirmar, vive a escuridão sem fim, aniquila sua própria existência e não encontra vida dentro de si. (TRINDADE, 2018.)

Nietzsche (2017b, p. 20, §7) descreve que o niilista passivo é todo aquele deixa de lado seu instinto, troca sua singularidade pela virtude e piedade e se coloca na condição de um niilista passivo. A condição de um niilista passivo é subentendida em uma postura idealista de quem pautou a vida numa falsa promessa cristã, porque certa forma de religiosidade é uma útil tentativa de sublimar problemas e deixar sem solução a vida terrena. A forma niilista passivo liga a sua existência à dependência de um estado infinitamente superior para sua segurança. Nesse caso, o código moral e a virtude seriam como o penhor de uma fé no céu e como força de uma vida longe da dor e das batalhas que o destino lhe impõe.

Nietzsche (2017b, p. 20, §7), no livro *O Anticristo*, pontua o niilista passivo, a exemplo de Schopenhauer. Sendo hostil à vida, a compaixão se tornou uma virtude para ele. A falsa segurança de praticar e esperar, em troca, uma compaixão o coloca como um ser de rebanho. O rebanho só se faz possível quando a liberdade individual é trocada por um imperativo à uniformização, isto é, o rebanho deixa de lado suas características para igualar-se às características dos outros. Segundo Nietzsche (2017b, p. 25, § 11), colocar um igual aos outros, fazendo o individuo igual à massa, faz do Cristianismo uma decadência, porque a decadência afirma a fé ingênua e atrasa a “categoria humana e condiciona a esperança” (NIETZSCHE, 2017b, p. 20) e vive uma expiação psicológica do Deus de virtudes cristãs.

Nietzsche (2017b, p. 25, §11) acentua que o Cristianismo decadente é aquele que põe o entendimento na consciência equivocada por meio dos sacerdotes

ascéticos Usa a disposição moral para afirmar um Deus fraco e sucessivamente nega o mundo com uma maneira equivocada do instinto. O instinto equivocado pela culpa é uma maneira de chegar à má consciência. Feiler (2019, p. 17), no artigo *Má consciência e mal-estar civilizacional, do Niilismo a um mundo possível*, vai dizer que “a sociedade com os seus mecanismos de interdição, regramento e adestramento, tornam a consciência dos instintos. Ao invés de se exteriorizarem, voltam-se para dentro, como uma força contra o próprio homem”.

De acordo com Nietzsche (2017b, p. 33, §17), uma das causas da decadência da cultura ocidental se dá por parte do pensamento do Cristianismo moral tornando a vida do homem mais mesquinha, diminuída e fragilizada, quando põe a vida em oposição à terra e a tudo o que é forte. A vida em oposição à terra seria a compreensão da história a partir da dualidade onde se contrapõe bons e maus. O niilista passivo é o que separa a vida do poder, a vontade de potência em função do cumprimento da lei que não tem duração ou validade em si mesma, Ele perdeu o referencial de si para se prender em nada. Com isso, sua vida se tornou enfraquecida, presa ao ressentimento e à vingança de alguém que espera de Deus que aceite o resignar humano como sacrifício e, em nome desse sacrifício, faça justiça aos seus inimigos. (NIETZSCHE, 2017b, p. 33, §17).

Nietzsche aponta que a superação da condição de niilista passivo é possível quando afirma a vida de forma ativa, pois a forma ativa de viver dá ao indivíduo condições para atravessar o Niilismo com uma postura de transvalorar os valores. Nietzsche, por meio das implicações do Niilismo, constata que o Cristianismo, em seu código de valor moral, ou seja, os mandamentos, que têm como regra amar seus inimigos, às vezes, se torna um fracasso, uma imundície, diante do bem e do mal em que vive o indivíduo. (NIETZSCHE, 2017b, p. 31, §16). O niilista passivo é o protótipo de uma vida pobre e lamentável por confiar e amparar-se na virtude, no código moral que se volta contra tudo o que é forte e próspero nele. Azeredo (2003, p. 175), no livro *Nietzsche e a Dissolução da Moral*, diz que “[...] esse tipo de vida busca somente o sofrimento e a doença, chegando a instituir o sofrimento como algo que satisfaz e revigora”.

Nietzsche alerta que, nas posturas de passivo ou ativo, o que muda é a forma de um e outro se colocarem diante da realidade, pois em ambos se percebe que não há mais razão e muito menos uma metafísica que explique tudo sobre a vida e o modo de vivê-la, pois, o que se sabe, a partir da constatação do Niilismo na modernidade, é que



a vida não pode ser medida e nem controlada por nada porque ela é o valor em si mesma. Nietzsche (2017a, § 225), no livro *Além do Bem e do mal*, supõe que a vida não pode ser avaliada por ninguém, porque ela é o critério por si.

## 2.4 Niilista Ativo

De acordo com Nietzsche (2012, v. 7, p. 29), nos *Fragmentos Póstumos* “os homens mais espiritualizados, supondo que sejam os mais corajosos, também vivenciam as tragédias mais dolorosas: por isso, porém, eles honram a vida, porque ela os confronta com o maior antagonismo [...]”. Para Nietzsche na natureza do devir não há medida, não há nenhuma vontade que perdure. O que há no devir são pontuações volitivas, que constantemente ampliam ou perdem seu poder. O que o pensamento nietzschiano afirma no “nada perdure” é que no devir nada é obtido, nada é alcançado por meio da meta ou processo que dizem respeito ao desenvolvimento. A hipótese de uma meta é insuficiente para a compreensão do que diz respeito ao todo. Nesse sentido, Nietzsche (2012, v. 7, p. 29-36) diz que “o homem não é mais colaborador, para falar do ponto central do devir.

Então, o que é o homem para Nietzsche?. Segundo Nietzsche (2011, p. 16), no livro *Assim falou Zaratustra*, “o homem é uma corda atada entre o animal e o super-homem - uma corda sobre um abismo. O homem é um ser de ponte, e não um objetivo. O que pode ser amado, no homem, é ser ele uma passagem e um declínio”.

Segundo Nietzsche (2011, p. 18), no livro *Assim falou Zaratustra*, “o super-homem é aquele que vence o Niilismo, supera a forma velha e desgastada do homem, que supera a todos os humanismos, toda cultura que o prende em si mesmo, é ele quem lança a flecha do seu anseio por cima do homem”. Para Trindade (2014), “o homem do ressentimento é aquele cujas forças reativas predominam; ele é escravo de seu tempo, não conseguindo ir para além da conservação”. O niilista reativo é o que se projeta no futuro porque a religião é a ciência e a verdade está fora deste mundo. O homem reativo se prende à doutrina dos vindouros, das promessas que têm uma psicologia dos melhoradores. Sua vontade acaba indo contra tudo o que é forte, mas quando percebe que nada é obtido por meio de metas, porque as metas são insuficientes, chega à forma do Niilismo negativo. O Niilismo negativo é o que nega o mundo em nome de valores ideais. Suporta este mundo com ressentimento; afirma um Deus dos fracos. O

homem niilista passa de um estado a outro, isto é, do reativo ao negativo, da religião à ciência, do céu para o futuro.

Entre a falta de afirmação de si e entre os valores inalcançados, ou seja, entre as várias formas de Niilismo, Nietzsche desperta no homem moderno a vontade de potência do niilista ativo. O Niilismo ativo é a superação de todas as forças reativas, de todos os conceitos culturais e religiosos que o prende a si mesmo. O Niilismo ativo é a capacidade de mergulhar no abismo de si mesmo; de confrontar as próprias forças e limites; de abrir espaço para os pontos fracos e fortes; é a capacidade de destruir o Niilismo dentro de si sem acelerar o futuro e sem retroceder ao passado. (NIETZSCHE, 2011, p.18, § 8).

Não obstante, afirmar a vida por meio do pensamento metafísico e negar o pensamento imanente, não é o cerne para compreender o Niilismo. A compreensão do Niilismo, segundo Nietzsche, só é possível a partir da genealogia, ou seja, da história e da filosofia, em constante movimento. Todo aquele que está em movimento pela vida desmascara o fenômeno da piedade desencarnada na realidade, porque emancipa-se de certas expressões religiosas formalizadas. Nesta ocasião, Nietzsche faz uso da genealogia histórica desde os primórdios, porque acusa certas formas de religiosidade útil para o enfraquecimento do homem.

Segundo Nietzsche, a decadência da cultura e da religião que chega na modernidade tem início a partir de Sócrates, quando começa a simples pergunta do “por quê?”. De acordo com Giacoia Júnior (2013, p. 224), “[...] a simples pergunta por quê?” é como uma pulsão de fundamento, mas nenhum fundamento é seguro a longo prazo. O Cristianismo no período de Nietzsche dizia, no entanto, que o bem, a verdade, a plena realização estava no céu pós-morte, porque tudo provinha de Deus, que deixava o homem sem condições de alçar à realização e à vontade de potência. O Céu, após a morte, isto é, o reino eterno que o Cristianismo anuncia descarta o que Nietzsche considera como diferenciado no Jesus psicológico, quando diz, “[...] o reino de Deus está em vós”. (NIETZSCHE, 2017b, p. 64, §34). Na interpretação nietzschiana, a frase de Jesus traz o reino para o estado de coração.

As consequências de um reino eterno visto a partir das implicações do Niilismo é um mecanismo de releitura que diferencia a prática de Jesus e a prática do Cristianismo. Todavia, de acordo com o pensamento nietzschiano, a despotencialização do homem não inicia no Cristianismo de Jesus ou de Paulo, mas inicia-se com o Platonismo. Foi Platão que sistematizou a ideia entre dois mundos

como meta para o homem concretizar a perfeição. De acordo com Nietzsche, a criação do mundo ideal e do mundo real, o perfeito e o imperfeito, o céu e a terra são a ponte para afirmar e viver o ideal moral como explicação de todos os acontecimentos, enfatizado por Platão como mundo inteligível, que tudo explica, que tudo pesa e mede, etc. Nos *Fragmentos Póstumos*, Nietzsche (2012, v. 7, p.112) deixa claro que os pensadores que o antecederam e o Cristianismo moderno são denominados como mecanismos de impotência ou música ruim. Tinham, portanto, uma perspectiva sofredora e empobrecida do gênero humano

Nietzsche (2017a, § 227), no livro *Além do bem e do mal*, aponta que o erro do Cristianismo foi querer ter explicação para tudo, como se tudo fosse explicável por um dos meios que foram citados acima, em especial, a racionalidade. Quando tudo passa pelo crivo da explicação racional, o valor da vida passa a ser nivelado por baixo, isto é, a vida passou a ser compreendida ou explicada de forma fragmentada. A crítica de Nietzsche é que a fragmentação do homem vivida no seio do Cristianismo foi um dos erros que cooperou para o desenvolvimento histórico do Nihilismo na cultura ocidental, fazendo surgir a crença numa moral inquestionável, absoluta e imaculada.

Compreende-se, assim, que a moral dos bons princípios daria uma boa consciência ao homem. Por conseguinte, a aplicação da reta intenção prometida ao indivíduo pelo Cristianismo, através da moral dogmática, seria a de garantir a prosperidade para melhorar a humanidade. Em contrapartida a esse pensamento, Nietzsche (2017d, p. 16), no livro *Ecce Homo*, diz que: “[...] a última coisa que eu haveria de prometer seria melhorar a humanidade”. Continua Nietzsche (2017, p. 16): “Eu não terei de erigir ( nenhuns) novos ídolos”. Em vista disso, o pensamento de melhorar a humanidade, para Nietzsche, foi uma grande mentira. Ora, se Nietzsche não vê perspectiva no melhoramento do homem moderno por ter-se enraizado na má consciência do idealismo, qual é a perspectiva de Nietzsche? De acordo com o livro *Assim falou Zaratustra*, a perspectiva de Nietzsche (2011, p. 11) é o Zaratustra, o homem ativo, “[...] que deixou a pátria e foi para as montanhas. Ali, gozou do seu espírito e da sua solidão, e durante dez anos não se cansou. Mas seu coração mudou e, certo dia, ele se levantou com a aurora e foi para diante do sol”. Zaratustra é o protótipo de um niilista em confronto com suas próprias forças.

Segundo Trindade (2018), no artigo *Nietzsche e o Nihilismo*, o niilista ativo é apenas a oportunidade para que algo maior aconteça. Ele adiciona ao mundo o sabor do *devoir*. O *devoir* aceito com amor é mais que seguir adiante ou multiplicar-se. Aceitar

o destino é a vontade de potência que abre espaço em cada um de nós, isto é, os pontos fortes e fracos, em que é possível resistir afastar-se e deixar-se levar. Dessa forma, o Nihilismo ativo é mergulhar no abismo de si mesmo, confrontar-se com as próprias forças, seus limites e seus desejos. A força ativa se torna visível quando as infinitas forças se cruzam em um único ponto do universo, formando uma combinação única e singular. Abandonar, portanto, o Nihilismo passivo é enfrentar a existência sem pedir por critérios exteriores. A singularidade das infinitas forças é possível de ser vivida de forma ativa quando não se eleva deste mundo. O homem ativo não deseja nenhum outro lugar que não seja seu destino. (TRINDADE, 2018).

De acordo com Nietzsche (2017b, p. 35, §18), o Cristianismo foi um grande mentiroso, porque pegou o nada e o divinizou em Deus para querer melhorar o mundo, visando ao bem comum; a aspiração de melhorar o mundo é apenas um pretexto para fugir da realidade, porque o mundo é o aqui e agora. O mundo é o que é em sua totalidade de forças que digladiam entre o dionisíaco e apolíneo opostos entre si. Segundo Feiler (2015), a vida em Nietzsche é vontade e potência entre dois polos (Dionisíaco a Apolíneo) que efervesce na tensão até alcançar a aspiração da natureza do trágico da unidade existencial.

Nietzsche (2017b, p. 34, §17), no livro *O Anticristo* diz que o Cristianismo, ao usar a meta da uniformização, age com sua fé ingênua que atrasa a “[...] categoria humana, condiciona a esperança e vive uma espiração psicológica de Deus que se tornou coisa em si”. O “Deus coisa em si” do Cristianismo se assemelha às aspirações e às realizações da esperança, visando cumprir o papel de suporte para fazer com que os objetivos estratégicos da uniformização funcionem melhor, ou seja, mesmo que o fim último seja Deus, a finalidade maior, de certo modo, passa a ser a uniformização. (NIETZSCHE, 2017b, p. 34, §17).

De acordo com Feiler (2011, p. 30), “[...] a moral, como um imperativo que tende à uniformização ao rebanho” - segundo as palavras de Nietzsche -, acaba descaracterizando, diminuindo e estagnando a cultura nas suas mais diferentes manifestações. Ser um nihilista ativo é cortar a raiz idealista platônica que mediou a oposição entre o céu e a terra, o bem e o mal. Todavia, no corpo ou na imanência, o destino propõe ao homem as condições de alavancar a vida através de inúmeras possibilidades. Para viver o *dever* é preciso abrir espaço para os pontos fracos e fortes, ter a capacidade de destruir o Nihilismo dentro de si sem acelerar para o futuro e sem retroceder ao passado.

## 2.5 A Prática de Jesus e a Prática do Cristianismo

As implicações do Nihilismo para uma releitura do Cristianismo e a prática de Jesus têm como objetivo principal confrontar determinada forma de vida cristã a partir da prática de Jesus, uma vez que a práxis de Jesus tem o princípio de acolher o destino de forma ativa e promover meios de viabilizar uma releitura mais autêntica com a vida imanente.

Com base nessa verificação, é possível fornecer informações sobre a prática de Jesus, conhecida por Nietzsche, que não é a mesma que Paulo de Tarso que divulgou como lema cristão a célebre frase em (2 Cor. 12,10) é: “[...] quando estou fraco, então sou forte”. (SEGUNDA ..., 2015, p. 1473, grifo nosso). Todo aquele que é miserável e humilde é o forte para o Cristianismo. Portanto, ser forte, na visão cristã, é aquele que se desprende desse mundo em função de um mundo ideal, sem dor e sem conflito.

Segundo Nietzsche, na afirmação da fraqueza, o Cristianismo paulino deixa uma brecha para criticar os desvios e os erros que se distanciam da prática atribuída a Jesus. A afirmação da fraqueza possibilita perceber, através da genealogia histórica, que a fraqueza é uma elaboração que descarta a presença de um Deus afirmado por Jesus. Em contrapartida à ação afirmativa da vida de Jesus, o Cristianismo paulino afirma um Deus que “deu o seu Filho para o perdão dos pecados, em sacrifício. E de um só golpe, o Evangelho estava acabado. O sacrifício expiatório é a forma mais repulsiva, “[...] mais bárbara, o sacrifício do inocente pelos pecados dos culpados. Jesus tinha eliminado o próprio conceito de culpa, negando todo o abismo entre Deus e o homem”. (NIETZSCHE, 2017b, p. 75, §41).

É importante ressaltar que o Jesus que Nietzsche reconhece não é o Jesus histórico do conhecimento teológico. Então, que Jesus Nietzsche reconhece? O tipo Jesus nietzschiano é um homem de prática transformadora que não age como uma religião de fórmula e rito, mas age com a sua “boa nova”. (NIETZSCHE, 2017, p. 75, §41).

Nietzsche (2017b, p. 75, § 41), no livro *O Anticristo*, contrapõe a boa nova de Jesus com o tipo do Redentor do Cristianismo, dizendo que: “[...] a doutrina da morte sacrificial e da ressurreição escamoteia o conceito inteiro de ‘bem-aventurança’, em favor de um estado pós-morte”. Nietzsche reflete, contudo, que com Jesus o reino já

está no meio dos homens, agora, com sua morte; a leitura paulina vê o reino de Deus como um ato final, como promessa. (NIETZSCHE, 2017b, p. 74, §40).

De acordo com Nietzsche, a prática de Jesus é afirmar o Reino no tempo presente, no coração humano, como uma “boa notícia”. A prática do Cristianismo ocidental na pessoa de Paulo de Tarso, no entanto, tem uma prática do platonismo porque suprime o instinto do homem na intenção de colocá-lo na condição de um ser puro e inofensivo para o bem de uma coletividade. Nesse sentido, a prática do Cristianismo paulino associa o instinto à justiça, à igualdade e à universalidade. Com isso, o homem paulino é um ser que precisa transcender a sua natureza para acessar o Reino e a virtude e, através deles, aperfeiçoar as ações dos instintos, libertando-os do egoísmo em função de proporcionar um pedaço do céu para si e para o seu semelhante. (NIETZSCHE, 2017b, p. 75, §41).

As teorias e os conceitos da prática do Cristianismo estão atrelados a uma verdade pré-existente: o tipo redentor, a doutrina da morte como principal meio para se atingir uma vida virtuosa. Essa teoria da verdade pré-existente paulina cristã é aquela em que o homem sujeita a vassalagem e a tutela de uma normatização de esclarecimento superior a ele, para a formação de rebanho. (NIETZSCHE, 2017b, p. 75, §42).

Com base nesse fenômeno, o apequenamento do homem, o pecado ao invés da graça, o escravo ao invés do senhor, acresce Nietzsche, ao fazer uma genealogia da história e perceber que o Cristianismo em sua prática, ao se firmar no Deus da cruz, não aguça nenhuma perspectiva de vida e nem a condição de um homem senhor de si. Ao contrário do instinto da grandeza e do auto afirmar-se, a cruz é a vitória dos fracos, ressentidos, doentes e rancorosos, persuadidos e induzidos à massa por meio de ideias pré-fabricadas. Quando a prática do Cristianismo não é afirmação à vida, torna-se uma doença. Nietzsche (2017b, p. 96, § 51), no livro *O Anticristo*, diz que “[...] o Cristianismo necessita da doença, mais ou menos como os gregos necessitam de um excedente de saúde, porque a verdadeira intenção oculta é oferecer a cura ao doente”.

Tudo aquilo que é pré-fabricado desde Platão e acentuado por Paulo como verdades e prática do Cristianismo, fortalece o Nihilismo, distância da prática de Jesus que, em sua mensagem, acolheu o destino de peito aberto. A prática do Jesus de Nietzsche foi não fugir e nem temer o *devoir*. Já o Cristo do Novo Testamento, ou seja, o Cristo de Paulo, é uma adulteração da história. Nietzsche (2012, v. 7, p. 37), em

*Fragments Póstumos*, diz que, perante o julgamento de Jesus por Pôncio Pilatos, o Cristianismo o tornou “burguês, teólogo, filósofo, patriota, político, príncipe, etc.”. Ora, toda a prática que o Cristianismo e, principalmente, a Igreja Católica assume como autêntica imitação de Jesus, eram as atividades que Jesus tinha subjugado com sua prática.

*Fragments póstumos*, destaca que “A Igreja é a barbarização do Cristianismo, pois ela se assenhoreou do Cristianismo: o Judaísmo (Paulo), o Platonismo (Agostinho), o culto aos mistérios (doutrina da redenção, imagem sensível da cruz)”. (NIETZSCHE, 2012, v. 7, p. 147). A Igreja inventa um valor imaginário da pessoa para nivelar todos no mesmo valor. A prática de vida hostil presa à razão e contra a natureza pertence à Igreja, ao triunfo do anticristão. Isto é, de Paulo.

Nietzsche (2012, v. 7, p. 199), em *Fragments Póstumos*, diz que a prática do Cristianismo, de nivelar a vida por baixo,

[...] estabelece o impulso de auto conservação e de proteção dos fracos entre si como medida valorativa suprema. Ela não combate nada com tanto ardor quanto o modo como a natureza trata os fracos e desvalidos: danificando, explorando, destruindo.

Nesse caso, o Cristianismo paulino é o desmoronamento de toda a avaliação natural por não querer ouvir falar do homem mais elevado, nobre e bem constituído, e feliz. A prática do Cristianismo moral como uma crença na onipotência lógica da razão negadora da realidade, antecipa a “[...] ascensão do Niilismo, a história dos próximos séculos. (GIACCOIA JÚNIOR, 2013, p. 222).

Nietzsche (2017c, p. 37, L.6), no livro *Crepúsculo dos Ídolos*, diz que a prática do Cristianismo distancia de Jesus e cai no vazio, porque as virtudes cristãs determinadas pela fé, esperança e amor, são determinadas por sentimentos agradáveis a Deus. Tudo aquilo que se determina por sentimentos agradáveis exclui a vida. Portanto, aquilo que elimina a vida, não possui vontade de viver. A falta de vontade de viver, de acordo com Azeredo (2003, p 173), no livro *Nietzsche e a dissolução da moral*, refere-se à impotência de viver em plenitude a afirmação da vida.

Zaratustra é o convite para fazer a travessia do Niilismo o homem concebido enquanto criatura em relação ao criador. Ele avaliou os valores que desvalorizam a terra, desprezam o corpo e depreciam a vida, já que o pensamento que permeou a sociedade até à modernidade criou a dualidade para arruinar tudo o que é da terra. Agora, na modernidade ocidental, após constatarmos a depreciação da vida, somos

impulsionados a sermos os anunciador de uma completa reviravolta: “[...] tornarmos-nos criatura e criador de nós mesmos, como também prezar valores em consonância com a terra, com a vida e o corpo”. (MARTON, 2000, p. 56-57).

De acordo com Barros (2002, p. 74), no livro *A maldição Transvalorada*, a consonância com a terra na vida cristã, é possível, a partir da prática de Jesus que, em consonância com a terra, com a vida e o corpo, o faz criador e criatura de si mesmo, portanto, a prática de Jesus é um convite para que a prática do Cristianismo moderno retome à consciência com a realidade terrena e seja capaz de fazer frente à realidade civilizatória ocidental. Ora! Se a prática ideal não foi a de Jesus e sim a de uma formulação civilizatória moralista, de que maneira a Igreja tem que fazer frente a essa prática?

O apelo de Nietzsche é que a prática Cristã volte à prática de Jesus, constate o Niilismo, supere a melancolia, tire o véu do mundo fictício a partir da releitura da vida como ela é, ou seja, “[...] a prática cristã que não falsifique os fatos através de interpretações. (NIETZSCHE, 2017b, p. §52).

Segundo Giacoia Júnior (2013, p. 222), no livro *Nietzsche - o humano como memória e como promessa* é sabido por experiência que não é fácil aceitar o destino e os acontecimentos trágicos, tais como a guerra, a morte, a doença, a fome, etc., sem perder as forças ou encontrar forças em si mesmo. No entanto, a prática de um Cristianismo, a exemplo da prática de Jesus, pode ser uma ferramenta para aguçar a força de vontade e potência que habita no homem que aceita o destino e queira revivê-lo infinitas vezes sem subterfugar-se no mundo fictício. Portanto, cabe ao Cristianismo, como prática, acolher o fato como ele é, isto é, o destino. Porque, quem acolhe o destino, ama o fato, vive-o com plenitude. A plenitude é o desejo vivido com amor *fati* que se caracteriza na plenitude da vida que não se resigna de forma passiva ou por sua finalidade, mas vive o *fatum*. Todavia, “O Cristianismo que Nietzsche presume como mais aceito não é aquele resignado, mas o da plenitude de vida”. (FEILER, 2015, p. 54).

Nietzsche (2012, v. 7, p.147-202), em *Fragmentos Póstumos*, afirma que, quando a vida e a vontade são firmadas na moral como fora do *devoir*, deixam o homem sem base ou sem a balança que marca a contradição entre os valores para se afirmar como vontade de potência. De acordo com o pensamento nietzschiano, toda a realidade do mundo presente por meio do Cristianismo é negada e afirmada no ódio que ele manifesta ao mundo. Nietzsche vê a prática do Cristianismo moral como um



caluniador da vida e negador de tudo o que é forte, bom e, principalmente, negador do destino. O Cristianismo é uma religião niilista, que entra em contradição com o eterno retorno do sim que o homem deveria dizer ao *devenir*, às fatalidades e acontecimentos que não se explicam, mas devem apenas ser acolhidos. Ou seja, o amor em Nietzsche expressa o acolher do outro e dos fatos como eles são, isto é, sem pressupostos, sem se colocar no lugar deles.

Nietzsche, ao falar da prática de Jesus e do Cristianismo, não apresenta nenhuma receita pronta. A intenção nietzschiana não era tecer normas para a vida, e sim, apresentar ferramentas, a exemplo do personagem Zaratustra que, livre das amarras da doutrina e da religião, do amor e da repressão, se apresentava como autoafirmação. Conforme Nietzsche (2012, p. 210)

Zaratustra é a imagem do homem que não reprime os sentimentos naturais para ficar sob a tutela da obediência do ser escravo e dominado pela tolerância de suportar em palavras e atos a regularidade de uma felicidade vista como retribuição pela obediência ao evangelho dos inferiores, ou seja, o Deus da cruz.

Nietzsche, em *O Zaratustra*, faz um convite ao homem moderno para rejeitar tudo o que lhe é imposto, tudo o que exige ou exclui experimentar a vida na imanência. Zaratustra é o protótipo de homem que vai além dos preceitos morais, que persuade a vontade, e limita-se à compaixão. A persuasão, através da compaixão, é uma prática cristã que não leva a nada, e o nada seria uma tendência hostil à vida. Para Nietzsche (2011, p. 20, §7, §9), “a compaixão é acumulação doentia e perigosa, porque se torna uma virtude e uma santidade que ligam as pessoas à ‘boa consciência’ ”.

De acordo com Nietzsche (2017b, p. 32, § 16), no livro *O anticristo*, nem a prática do Cristianismo, nem a moral, nem a religião possuem qualquer ponto de contato com a realidade, porque a boa consciência é:

As virtudes dos subjugados como condições de conservação, então o seu deus também precisa se modificar. Ele se torna fingido, medroso, modesto, aconselha a ‘paz da alma’, a não odiar mais, a indulgência, a ‘amar’ amigos e inimigos. Ele moraliza sem cessar, ele rasteja para a caverna de todas.

As práticas virtuosas do Cristianismo distanciam-se da prática de Jesus, porque “[...] o deus que antes representava tudo o que era sedento de poder, agora torna o bom deus que se transforma em deus das pobres gentes, deus dos pecadores, deus dos doentes ...”. (NIETZSCHE, 2017b, p. 32, §16). Segundo Siqueira (2015), no artigo

*A moral em Nietzsche: o castrado e o espírito livre*, toda a tentativa de avaliar a vida e decidir a maneira correta de vivê-la ou enxergá-la é, por excelência, força reativa. Ou seja, a tentativa de barrar a potência do outro, de minar a criatividade e de castrar o desejo. É a moral dos fracos que depende do outro para existir. A prática moral cristã, no percurso da história ocidental, decidiu avaliar a vida e moldá-la à maneira correta de vivê-la. Portanto, a prática do Cristianismo moral é força reativa, porque barra a potência e a criatividade do desejo.

Nesse ensejo em que as implicações do Niilismo reportam à prática de Jesus, é possível dizer que Nietzsche foi um precursor de novas raízes no Cristianismo? Para sabermos se Nietzsche foi um cooperador nas mudanças das raízes do Cristianismo, cabe-nos a seguinte pergunta: Quais eram as raízes da experiência cristã?

### 3 AS RAÍZES DA EXPERIÊNCIA CRISTÃ

A partir deste capítulo, veremos as raízes da experiência cristã que se ancoraram na moral da resignação para gerar conceitos de culpabilidade na consciência humana. Os conceitos de culpa ou pecado são coisas ou atitudes humanas que, no decorrer da história, foram sendo firmados como morais ou imorais para definir valores de coisas afirmadas na vida eterna e fora da realidade.

#### 3.1 Raiz Moral da Resignação

A princípio, Nietzsche (2017b, p. 46, §25), no livro *O Anticristo*, antes de falar da moral cristã, especifica a moral judaica. Na moral judaica, Nietzsche pontua “o acaso privado da inocência como infelicidade emporcalhada com o conceito de ‘pecado’; o bem-estar como perigo, como ‘tentação’; o mal-estar fisiológico envenenado como o verme da consciência”. Portanto, a moral judaica infesta o homem com o verme roedor da culpa. De acordo com Nietzsche, a moral da culpa é passada ao judeu através da Torá e da realidade histórica, definindo Jeová como castigador e como doador de prêmio. Jeová castiga ou premia o indivíduo que é medido por muita ou pouca obediência à vontade de Deus. A moral cristã parte da interpretação bíblica de que a Igreja – em Teologia do passado - é o “reino de Deus”, e os sacerdotes determinam o valor das coisas que eles chamam de vontade divina.

De acordo com Nietzsche, a raiz moral da resignação é uma parte do Cristianismo que por meio do dogma se apresenta nas diferentes etnias como valorização da vida. Essa disfunção provoca a cega submissão e a resignação, que trazem como consequência uma sociedade organizada sacerdotal que vive dos pecados, porque é preciso que o outro peque para se reconciliar com Deus. Conforme Nietzsche (2017b, p. 50, §21) “os pecados tornam-se imprescindíveis para que a norma de Deus perdoe quem cumpre penitência”. Significa: Quem está determinado por uma categoria, perde a capacidade de viver as múltiplas experiências no mundo da plenitude vital, isto é, o mundo orgânico, principalmente na unidade reconciliada e existencial. (FEILER, 2015, p. 67). Logo, a vida pautada na raiz moral sofre uma resignação existencial e perde a múltipla capacidade de viver. Em pleno século XIX, Nietzsche percebe que aqueles que cultivam a incapacidade de viver eram os influenciados por um Cristianismo moral que trabalhava entre as formas da histeria e

da epilepsia, isto é, o aparato doentio psicológico que seria o desprezar a si mesmo para a salvação da alma. (NIETZSCHE, 2012, p. 305).

Nietzsche constatou que as raízes da experiência cristã sempre caem no mesmo erro de fazer um critério para medir a vida. Com isso, ao invés de elevar a própria vida, acaba por esgotá-la. Para Nietzsche (2017b, p. 50,§26) “a raiz da experiência cristã, ao considerar o mundo profano e pecador, para apoderar-se de um mundo irreal, negou a condição de Cristianismo. O Cristianismo nega a Igreja”. Para Nietzsche, o pagamento e a redenção são valores colocados sobre o cordeiro imolado. Interpretar a morte de Jesus como o cordeiro que redime foi um mecanismo moral usado pelos Apóstolos para afirmarem a vida eterna fora da realidade.

Segundo Nietzsche, o ponto de partida do mecanismo de salvação firmado pelos Apóstolos como “verdades reveladas”, saiu do pensamento platônico e da moral judaica. Portanto, se o Cristianismo nasce da cruz é uma interpretação errônea da “boa-nova” da prática de Jesus, que seria a vida verdadeira. “[...] A vida eterna não prometida, mas a vida que está aí. Ela está em vós, como vida no amor, no amor sem subtração e sem exclusão, sem distância”. (NIETZSCHE, 2017b, p. 54,§29). De acordo com Barros (2002, p. 21), no livro *A maldição transvalorada*, os Apóstolos elevaram Jesus de uma maneira exagerada, isto é, colocaram-no nas alturas como filho de Deus e filho do Deus único. Já, que a prática de Jesus seria a vida eterna não prometida, “[...] a raiz moral da resignação é uma fé de sacrifício que coíbe toda a liberdade, todo o orgulho, toda a autoconfiança do espírito em nome de uma promessa”. (BARROS, 2002, p. 21). Pautar a vida por uma moral resignada é matar em nós o espírito forte, negar uma característica de um tipo de homem guerreiro, prudente, sobrevivente com capacidade de saber transformar. (NIETZSCHE, 2011, p. 218).

A raiz moral da resignação cresceu em duas realidades fisiológicas que seriam o ódio à realidade e a exclusão de toda a inimizade. Em ambas consiste “o medo da dor, mesmo do infinitamente pequeno na dor” - ele não pode acabar de outra maneira senão uma religião do amor como última possibilidade de vida. (NIETZSCHE, 2017b, p. 56 § 30). Conforme Marton (1990, p. 32) “A interioridade, quando se sente incapaz de suportar a própria finitude, concebe a metafísica. Portanto, o homem, incapaz de tolerar a visão de sofrimento imposta pela morte, construiu o Cristianismo”.

O resignado é aquele que dá à própria vida um aspecto sombrio. Ser resignado, para Nietzsche, significa trocar a vida orgânica por ideais da humanidade. Segundo

Giacoaia Júnior (2016), no artigo *Nietzsche e o cristianismo*, o Cristianismo se distanciou de Jesus quando interpretou a morte de Jesus sob uma ótica teológica, isto é, Jesus morreu na cruz pelo pecado, pela culpa e pelo castigo e esses elementos reduzem o ser cristão ao dogma e à crença eclesiástica. Nessa interpretação, que se distancia de uma fé autêntica, o Cristianismo resulta em uma interpretação cuja vida é interpretada pela verdade revelada. (GIACOIA JÚNIOR, 2016). A raiz moral da resignação, cuja vida foi interpretada pela verdade revelada, chega no Cristianismo moderno como um processo de afirmação do dogma. Nesse caso, o ser humano foi reduzido a uma organização institucional com cerimônias e rituais. Ora, abster-se do ser para “[...] primar por uma organização de ritos e cerimônias é uma condição perigosa, porque a prática de tudo isso se dá na compaixão”. (NIETZSCHE, 2017b, p. 50, §26).

De acordo com o pensamento nietzschiano, a compaixão ganha maior espaço com o centurião romano Paulo de Tarso, Apóstolo. O precursor das raízes morais anuncia a eternidade ou o céu como prêmio, criando um espaço para uma espécie sacerdotal, ou seja, cria as raízes de uma espécie de homem com o interesse vital em adoecer a humanidade a partir dos conceitos de bom e mau e de verdadeiro e falso. O interesse de adoecer não provinha do tipo Jesus, mas de uma raiz moral de um ser resignado e indiferente, que não se importava com os acontecimentos ao seu redor. Tudo que é terreno não tem valor.

Do mesmo modo, de acordo com Nietzsche (2017b, p. 64, §34), “nada é menos cristão que as cruzeiras eclesiásticas de um Deus na condição de pessoa, de um reino de Deus que virá de um ‘reino dos céus’, de um ‘filho de deus’, a segunda pessoa da Trindade”. Por conseguinte, a raiz moral da resignação da vida pós-morte, que afirma verdades reveladas e dadas por Deus aos Apóstolos, classifica a “boa nova” como algo que vem. Diante disso, Nietzsche dirá que não é um conceito cristão - a “hora”, o tempo, a vida física e suas crises absolutamente não existem para o mestre da “boa nova”, porque o “reino de Deus” está em vós..

Um dos momentos que marcam o processo civilizatório das experiências das raízes cristãs como princípio moral, acontece quando Paulo de Tarso chega em Atenas e, estando no meio do Areópago, chama os atenienses de supersticiosos, idólatras, para supostamente impor o seu Deus, isto é, Jesus Cristo. Assim foi escrito no texto bíblico (At. 17,22-23), que narra a fala de Paulo, dizendo: “passando por vossos santuários, achei também um altar em que estava escrito: ao deus

desconhecido. Esse, pois, que vós honrais, não o conhecendo, é o que eu vos anuncio". (Atos, 17,3).

É importante ressaltar que Nietzsche, ao analisar a fala ou a forma com que Paulo anunciou as experiências da suposta raiz de Jesus Cristo, de certa forma, o que ele interpretou na fala paulina é a imposição de um conceito moral que acaba sendo uma taxaço a todas as possíveis possibilidades de forma de vida. Em vista disso, Nietzsche não busca questionar simplesmente a doutrina, mas submete o Cristianismo a um exame genealógico para compreender em que terreno as perspectivas instauradoras de valor deitam suas raízes. Segundo Barros (2002, p. 33), "O que revolta Nietzsche são as perspectivas do Cristianismo que disfarça a realidade em moral do bem e do mal". Desta forma, o pensador dirige a seguinte pergunta: de onde vêm os valores? Quem os inventou?

Nietzsche (2017, p. 9), no livro *Genealogia da Moral*, critica os valores morais quando diz que devemos começar a pôr em questão o próprio valor dos valores para sabermos as condições e circunstâncias em que eles nasceram, se desenvolveram e se modificaram. Portanto, o que é proposto avaliar por Nietzsche são os valores como criações humanas. Tudo o que tem valor não o tem por si, em si ou por sua própria natureza. De acordo com Barros (2002, p. 37), o livro *A Maldição Transvalorada* diz que Nietzsche, ao assumir esta postura, termina por colocar em cena a questão da multiplicidade dos valores, porque as condições de vida não são as mesmas para todos os viventes.

A postura das múltiplas possibilidades que Nietzsche tem sobre os valores não parte do conflito sobre a existência, ou não, de Deus, mas de um conflito nivelador, usado por Paulo de Tarso e continuado no Cristianismo moderno. A nivelção, sem abrir-se a outras possibilidades, não seria a ação ou os ensinamentos de Jesus, mas uma releitura do Cristianismo. Tendo em vista que o Jesus e a releitura de Jesus não são a mesma pessoa, Nietzsche se interessa pelo perfil psicológico de Jesus.

Nietzsche aceita o perfil psicológico de Jesus e rejeita o Deus que Paulo diz ser desconhecido aos gregos. Com que veracidade ou autoridade Paulo pode julgar como desconhecido ao outro, dentro do contexto bíblico? Um dos fatos que faz Paulo afirmar com veemência a ausência dos valores de Deus na vida dos gregos, é o de que eles não são batizados, ou seja, não fizeram nem um rito público para serem caracterizados como seguidores e, talvez, experimentadores de um valor do Deus único.

Do ponto de vista nietzschiano, Paulo, ao se opor aos gregos, por terem uma pluralidade de deuses, supõe que eles desconhecem o Deus único, e estariam praticando uma crueldade contra si mesmo e contra os outros. Nietzsche (2017b, p. 39), no livro *O Anticristo*, expressa que esta atitude cristã é um ódio contra os que pensam diferente. Na verdade, Nietzsche vê, na atitude de Paulo, ideias sombrias e comoventes para favorecer manifestações mórbidas.

De certo modo, a moral que Paulo expressa como tentativa de convencer que os gregos estão no pecado e que precisam do Deus da salvação é a raiz da experiência cristã que está expressando a hostilidade da morte contra os senhores da Terra, contra os nobres e, ao mesmo tempo, uma disputa oculta, dissimulada, do ódio contra o espírito, contra o orgulho, a coragem, a liberdade e a libertinagem do espírito. (NIETZSCHE, 2017b, p. 40, §21).

A raiz da experiência cristã de Paulo se fundamenta na verdade entre dois mundos completamente distintos (o mundo real e o mundo transcendental), sendo que o segundo mundo é mais importante para os cristãos paulinos. Para assumir o mundo transcendental, é preciso a fé que se reveste de um amor que tolera tudo, até mais do que pode ser normal. Paulo vê o homem como um pecador, pequeno e miserável diante de Deus, porém, para ele, nem tudo está perdido, a solução está no amor esponsal. Mas o que é o amor esponsal?

Para o apóstolo Paulo e o Cristianismo, o amor esponsal é aquele que se põe na condição do outro e despreza a si mesmo. É o amor provindo da humildade fundamentado no tripé cristão: fé, esperança e amor, os quais Nietzsche (2017b, p. 43, § 23), no livro *O Anticristo*, chama de as três espertezas cristãs. De acordo com Geffré (1981 apud ALMEIDA, 2006), a cultura do Ocidente nasceu deste pecado original do conhecer que torceu, perverteu, e maculou a vida instintual em proveito da vontade de verdade pela verdade, que foi reduzida à virtude e à felicidade.

Por conta do altruísmo, fruto de uma virtude, as experiências das raízes cristãs, de certa forma, se posicionam hostis a tudo o que é forte e nobre. Partindo deste ponto, Nietzsche desconfia e critica a originalidade do Cristianismo. A guerra que o Cristianismo de Paulo travou com o homem superior é uma reprovação à vida imanente e uma aprovação do instinto de conservação que se manifesta sob a aparência da razão ou de uma paixão intelectual. Sendo assim, é possível dizer, no pensamento nietzschiano que a raiz cristã, de certa forma, iniciada pelos Apóstolos e continuada pelo Cristianismo, transforma os filhos de Deus em vingança. Diz

Nietzsche (2017b, p. 74, §40): “[...] a vingança foi elevar Jesus de uma maneira exagerada, como fizeram outrora os judeus, que por vingança contra seus inimigos separam Deus de si”.

Nesse sentido, a partir do ponto de vista de Nietzsche, pode se dizer que há a hipótese da existência de três raízes das experiências do Cristianismo: 1- O Jesus da prática “boa nova”, onde o “reino de Deus” está dentro do coração; 2- O Cristianismo que nasce da Cruz – onde o “reino de Deus” são as verdades que negam a realidade, a vida pós-morte; (Apóstolos); 3- O Cristianismo da sistematização da fé (dogmas). As duas formas que se desprendem de Jesus seguem uma moral niveladora dos fracos, porque negam o instinto da vida, o *devir* e o amor *fati* são deixados de lado, porque a raiz da resignação segue o instinto da conservação e do bem-estar, o bem-estar que vai contra os senhores da terra. Logo, o Cristianismo, sob a ótica teológica do Jesus que morreu pela culpa e pelo pecado, reduz o ser cristão ao dogma e à crença eclesiástica.

Feiler (2018, p. 18), ao citar os fragmentos póstumos de Nietzsche, pontua que todo o instinto da conservação e bem-estar toma a proporção de uma práxis da reprodução psíquica e precisa ser reconduzida a uma base fisiológica: o ‘remorso’. O remorso, como tal, é um obstáculo para a convalescença – é preciso buscar pesar tudo por meio de novas ações, e o mais rápido possível, a enfermidade da autotortura [...]. Para Nietzsche é inaceitável a reprodução psíquica que reduz o homem ao pecado. O pecado passa a ser uma distorção do que seria o redimir porque “Redimir o que passou e transmutar o todo ‘foi’ em Assim eu quis! Apenas isto seria para mim a redenção!”. (NIETZSCHE, 2011, p. 130).

Portanto, se o Jesus de Nietzsche não é o Jesus resignado de Paulo e nem um profeta que reduziu a vida a um dogma eclesiástico judaico, então, cabe aqui a seguinte pergunta: Jesus é um transvalorador?

### **3.2 Jesus é Transvalorador?**

Entre as várias interpretações sobre a pessoa de Jesus de Nazaré, homem que viveu na época do Império Romano, quero expor uma interpretação que aponta Jesus como um transvalorador do cumprimento do culto e dos costumes morais judaicos. Todavia, antes de explanar a ideia do Jesus que transvalora os preceitos morais, faz-se necessário trazer, de forma breve, o Jesus histórico da teologia cristã para



diferenciarmos o tipo Jesus psicológico de Nietzsche, que desde o início do trabalho foi sendo explanado.

### 3.3 O Jesus da História

De acordo com Konings (1997, p. 55), no *Periódico*, o Jesus histórico é o homem de grande influência cultural do ocidente e do mundo inteiro. Se a pessoa de Jesus não é reconhecida pela fé, ele o é, de bom ou mau grado, reconhecido por aquilo que seus seguidores fizeram dele. Portanto, para compreender a figura histórica de Jesus, deve-se diferenciá-lo do “Cristo da fé”, que não será abordado neste trabalho. No entanto, para termos uma melhor compreensão sobre o Jesus histórico, faz-se necessário, ainda que de forma resumida, distinguir um do outro, o homem terrestre e o Ressuscitado, isto é, o Jesus terrestre e o Cristo Ressuscitado.

O Jesus da História e o Cristo da fé nas Escrituras Cristãs apontam dois momentos desse Cristo da fé: o momento de sua obra terrestre e o de sua existência gloriosa no tempo de Deus, ou seja, Jesus Ressuscitado, um dos integrantes da Trindade, que se estende desde o princípio até a eternidade. O Cristo da Eternidade é o mestre ambulante, que vive o conflito na Galiléia, e morre em Jerusalém, sendo resgatado da morte pelo poder de Deus e, pelo reconhecimento de sua justiça e obra, recebendo o nome de Jesus Ressuscitado. Na Sagrada Escritura, a fé mistura o Jesus histórico com o homem do milagre, que narra desde o seu nascimento, como purificação e milagres entre os pecadores, que o Cristo da fé faz na vida humana. (KONINGS, 1997, p. 55).

Já que o Jesus da imagem bíblica é uma mistura do Jesus histórico e o Cristo Ressuscitado, os teólogos e historiadores, para apurar a vida do Jesus histórico, limitam-se aos fatos empiricamente verificáveis a partir de indícios histórico-críticos que consistem na convergência de diversas fontes, tais como: testemunhos literários que são considerados pelo Cristianismo como escritos Apócrifos. De certa forma, os Evangelhos que não estão dentro da aceitação doutrinal cristã, passam a ser mais amplos sobre os traços de Jesus histórico, por não serem mencionados nos escritos primitivos da fé cristã. (KONINGS, 1997, p. 55).

A procura pelos fatos que testificam o Jesus histórico sempre foi difícil no contexto da história por ser uma mistura entre história e mitologia. A distinção entre Jesus histórico e o mito Jesus sempre foi difícil identificar nos escritos cristãos, porque

o que sempre importou para os Evangelhos foi o Jesus que viveu fazendo o bem, pregou o amor ao Pai e foi assassinado pelas autoridades políticas do seu tempo, conforme estava previsto nas Escrituras. Quando se fala de Messias trata-se de um personagem terreno e espiritual, que surge no contexto cristão como uma promessa de restauração do povo de Israel. Para alguns historiadores, essa ideia do Messias esperado não passa de uma mitologia. Alguns historiadores pontuam as Escrituras como mitologia pelo fato de não haver concordância com data e local geográfico, por exemplo, o nascimento de Jesus: nasce um menino pobrezinho na cidade de Belém, filho de Maria e José, visitado pelos reis magos e pastores. O relato do nascimento tem testemunhas, faz menção ao período, estima-se mais ou menos o ano sete antes de Cristo. (GHX COMUNICAÇÃO ([2019?])). Lucas, o Evangelista (Lc 3,1), começa narrando o nascimento de Jesus assim: **“No décimo quinto ano do reinado de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos governador da Judeia, Herodes, tetrarca da Galileia, seu irmão Filipe, tetrarca da região da Ituréia, e Traconites, e Lisânias, tetrarca de Abilene [...]”** (EVANGELHO ..., 2015a, p. 1312, grifo nosso), porém, não menciona a data exata - dia e ano, etc. -O acontecimento não tem registro oficial. A justificativa da ausência de registro oficial é que os cristãos da época não se preocupavam em registrar (datar) a história e, sim, fazer uma afirmação da fé. (GHX COMUNICAÇÃO, [2019?]).

A falta de registro sobre o perfil de Jesus histórico, faz com que a pessoa de Jesus seja uma imagem ocidentalizada. Isso se dá porque, tanto nos escritos do Novo Testamento como nos Apócrifos, o fenótipo é judeu, apenas isto. O judeu que não tem aparência nos escritos quer apenas indicar a etnia e a religião. (GHX COMUNICAÇÃO, [2019?]).

Uma outra referência histórica de Jesus é o Talmude, que faz o registro de um Jesus histórico que incomoda as autoridades judaicas fazendo milagres, e por isso, morre em uma cruz, assim diz o dicionário da *American Heritage* (apud AQUINO, 2019):

O Talmude é 'a coleção de antigos escritos rabínicos que consiste da Mishná e da Gemara, e que constitui a base da autoridade religiosa para o Judaísmo tradicional'. Ainda que não faça referência explícita ao nome de Jesus, os rabinos identificam a pessoa em questão com Jesus. Essas referências a Jesus não são simpáticas nem a Ele nem à sua Igreja. Esses escritos também foram preservados através dos séculos pelos judeus, de maneira que os cristãos não podem ser acusados de terem adulterado o texto.

Os relatos do Jesus histórico são repletos de mitos entre a fé e a história, isto é, apresentando Jesus como herói, gênio e salvador. Por isso, Nietzsche, ao falar do tipo psicológico de Jesus, descarta as definições tais como: “herói” e “gênio”, propostas por Ernest Renan, historiador e filósofo francês que dedicara grande parte de sua vida intelectual ao estudo do Cristianismo nas suas conjunturas históricas, teológicas e filosóficas. ” Renan, ao recorrer às fontes historiográficas do Evangelho, rejeita toda a ideia de milagre em Jesus, como também, a intervenção do sobrenatural que faz de Jesus o filho de Deus. A partir de pensadores como Renan e outros que desmistificam a pessoa de Jesus histórico, pode se dizer que eles foram o ponto de partida para a formulação do pensamento de Nietzsche para falar da psicologia crística. (BITTENCOURT, 2011).

Retomando a pergunta do subtema, Jesus é transvalorador, é possível dizer que o tipo Jesus nietzscheniano é um transvalorador, porque em sua forma de ser e agir não compactua com o templo e nem com a lei judaica, visto que ambos, templo e lei, perderam o referencial da vida quando elevaram, acima do homem, a prática do rito e a observância da lei. O transvalorar de Jesus se dá quando a vida prevalece à submissão ao que é terreno, pois, na vida submetida ao que terreno, predomina o homem livre que se afirma nas forças ativas. (NIETZSCHE, 2017b, p. 54, §29).

Segundo Giacoia Júnior (2016), ser livre não faz de Jesus um revolucionário, e sim, com alguma tolerância na expressão, um espírito livre, porque sua práxis é afirmativa, sendo sua fonte a “bem-aventurança” interior que seria viver sua plenitude sem vingança e sem ressentimento. O Jesus que transvalora os valores, para Nietzsche, é o Jesus das forças ativas, que se afirma na força da vida, que assume o mundo em sua condição terrena dos opostos sem negar a si mesmo, isto é, o mundo dos acertos e dos erros, da dor e da saúde. (NIETZSCHE, 2017b, p. 54, §29).

O Jesus transvalorador é a vida forte que não faz subtração, exclusão, ódio e ressentimento. Todavia, em Nietzsche, ser forte não é ausência de fraqueza, mas sim, afirmar a vida em todas as circunstâncias. Se todos aqueles que vivem as forças ativas firmados na vida ultrapassam todos os valores humanos, Jesus ultrapassa os valores, logo é possível dizer que o Jesus psicológico de Nietzsche ultrapassa o Niilismo e suporta o pensamento do eterno retorno. (NIETZSCHE, 2017b, p.54-55). Nesse sentido, é possível conceber como hipótese que Jesus ultrapassa o Niilismo e

suporta o pensamento do eterno retorno. Contudo, é importante ressaltar que no pensamento nietzschiano o homem capaz de ultrapassar o Niilismo é Zaratustra.

A hipótese de que o tipo psicológico de Jesus de Nazaré suporta o eterno retorno e ultrapassa o Niilismo parte de sua personalidade, que destoa das valorações morais judaicas e posteriormente destoa da relação normativa e doutrinal do Cristianismo de Paulo. De acordo com Bittencourt (2011), o Jesus psicológico ultrapassa o Niilismo porque não transcende para afirmar o "Reino de Deus"; Jesus está além de qualquer definição concreta, e não encontra, portanto, qualquer paralelo com a ordem extensiva da realidade.

A análise psicológica de Jesus em Nietzsche é uma problematização da interpretação da práxis cristã, estabelecida como doutrina evangélica, ou seja, da realidade vista na ótica evangélica a partir da doutrina da redenção. Portanto, o Cristianismo da redenção é um fundamento da vida moral que tem como continuação as doutrinas que concordam na determinação do prazer como bem supremo. Entre as doutrinas do prazer e da redenção, Nietzsche (2017b), no livro *O Anticristo*, cita, por exemplo, o Epicurismo, doutrina que teme a dor e preza o amor. Em Epicuro, bem como posteriormente no Cristianismo, o prazer do bem supremo consiste em resistir ao mal e buscar o amor como única e última possibilidade de vida. (NIETZSCHE, 2017b, p. 56, §30).

De acordo com Giacoia Júnior (2016), o Cristianismo, ao reduzir a vida de Jesus de Nazaré ao Evangelho de um Deus que morreu na cruz, como pagamento dos pecados humanos, não passou de uma fé cristã mal-entendida. O Evangelho do mal-entendido é um Deus que morre para redimir uma humanidade. O mal-entendido do Evangelho desvirtua a Boa Nova de Jesus sob a ótica do pecado, da culpa e do castigo, tomando-o como vítima expiatória. Deste modo, para o pensamento nietzschiano, o Cristianismo do bem supremo, iniciado na pessoa de Paulo de Tarso, personifica o anticristo, posto que o único cristão morreu na cruz, ou seja, para Nietzsche, o último cristão foi Jesus Cristo. (GIACOIA JÚNIOR, 2016). Além disso, o Cristianismo, religião que se desvirtuou do último cristão para apostar no bem supremo, tornou-se acima de tudo conceito de contradição, um monoteísmo que significa um único Deus, um único polo. (NIETZSCHE, 2017b, p. 36, §19). De acordo com Marton (2000, p. 5), a religião do Deus único é niilista desde a sua base por causa da sua desvalorização deste mundo em nome de um outro mundo essencial, imutável e eterno. Em conformidade com esse pensamento, surge a hipótese de que Jesus não é a base do Cristianismo. Se Jesus

não é a base do Cristianismo, quem é a base do Cristianismo? A base do Cristianismo é o pensamento socrático-judaico-cristão niilista, que não consegue fazer a travessia do Niilismo de valores instituídos pelo último homem: Zaratustra. (MARTON, 2000, p. 56).

Ademais, para Nietzsche, o Jesus transvalorador não chega a ser o Zaratustra, e, muito menos, a base do conceito cristão que nivelou Deus a um nível mais baixo na evolução descendente dos tipos divinos: o Deus degenerado em contradição à vida e à natureza,

A vida, no pensamento nietzschiano, não é matéria inerte, e sim, potência aberta que pode retornar ao ciclo incessante da transformação que se manifesta em todos os instantes e se plenifica em pontos culminantes. (NIETZSCHE, 2017b, p. 34, §17). Em conformidade com a potência aberta que se transforma, Feiler (2015, p. 36) afirma que “a potência aberta que converge para vida plenificada em pontos culminantes é a potência que concebe uma relação de criatura e criador, sem excluir o corpo, a terra e a vida”. Sob o mesmo ponto de vista, Marton (2000, p. 56) concebe que a potência aberta à vida que se plenifica em todos os instantes é o sacrificar-se à terra, para que a terra preze os valores em consonância com a terra, com a vida e com o corpo, tornando o homem criatura e criador de si mesmo.

É importante ressaltar que o homem como criador de si mesmo, em Nietzsche, surge diante da crise de valores e dos ideais do homem moderno vivenciado na Europa, em especial na Alemanha. O filólogo parte da própria experiência dos pensamentos abissais para ocupar-se com o tema do Niilismo. Nietzsche tem uma concepção de uma cultura alemã do século XVIII e XIX em que “cultura” é sinal de uma degeneração de um nacionalismo cristalizado e de um movimento massificante dos homens. (BÓGEA, 2010).

Em todo o acontecimento degenerativo da cultura, o que importa para Nietzsche não são os ideais, nem mesmo o Niilismo. O que importa para o pensamento nietzschiano é a vida que não se cristaliza, mas em sua luta transpõe o Niilismo, em toda a sua pluralidade, chegando em pontos culminantes que não se esgotam e muito menos chegam ao seu fim - simultaneamente, a vida não cristalizada porque é vivida na vontade de potência para evoluir, desde que a evolução não aceita a ontologia estática, o uno de Platão e os valores universais. (BÓGEA, 2010)

No agir dos acontecimentos, o homem transvalorador tem sua origem na vontade nobre ou vil. A vontade nobre em Nietzsche é a expressão do movimento

natural das forças existentes que procuram se afirmar e se diferenciar. Nesse sentido, “A força seria um campo de relação que digladiava para dar forma a esse ou àquele fenômeno”. (AZEREDO, 2003, p. 47). A expressão e movimento do se afirmar, segundo Feiler (2015, p. 37), denominará como um “desejo pelas virtudes” criadoras de um Niilismo ativo, ou seja, um Niilismo que afirma a vida.

O homem transvalorador deve ser inovador e dinâmico, como o último homem, isto é, o Zarathustra. O pensamento deve partir do desdobramento do Niilismo, que resulta não em uma obra acabada, mas sim, em uma anamnese e um prognóstico que atestam o caráter de processo histórico, sem apoiar-se em sua vertente metafísica, moral, científica e estética, para permanecer na realidade afirmada. Permanece a vida em seus diferentes ditames, sem fuga para o impalpável, sem expressão de ódio, sem fórmulas prontas ou conceitos que solidificam costumes, instituições ou Igrejas. (NIETZSCHE, 2017b, p. 54-55).

Para afirmar a vida ativa de forma transvalorizada, é preciso sair do impalpável, perambular entre as diferentes realidades sem solidificar-se em conceitos prontos e acabados. O Jesus psicológico que Nietzsche descreve é uma figura inversa ao Evangelho cristão, porque Nietzsche o descreve como um andarilho que perambula em diferentes realidades sem deixar de afirmar a si mesmo. Nesse ínterim, a última afirmação de Jesus foi sua morte na cruz. De acordo com Nietzsche (2017b, p. 73, § 40), no livro *O Anticristo*, a prova mais forte do Jesus psicológico que se afirma deus na cruz.

A liberdade de Jesus ao morrer pela “boa nova”, demonstra sua superioridade e vence o ressentimento e a vingança que os judeus praticavam: a morte que acolhe o fato sem culpa, sem ressentimento e sem condenar. Neste caso, é possível afirmar que, em Jesus, a força da transvaloração é mais forte que todo o ressentimento, pelo fato de afirmar a si mesmo. Ao mesmo tempo em que Jesus se afirma, é um homem potencializado em união com Deus e com o próximo, lembrando que a potência de Jesus se dá na unidade, sem perder a individualidade. (NIETZSCHE, 2017b, p. 73, § 40).

O Jesus psicológico da transvaloração, na cruz, se afirma além do limite de uma estrutura., Não está preocupado com o cumprimento do rito da expiação, da culpa, do “bode expiatório”, do ressentimento e da vingança judaica ou romana. O Jesus da transvaloração que se afirma na cruz é aquele que põe em prática seu

Evangelho, isto é, o seu ensinamento, que diz: “o reino de Deus está dentro de vós, por isso, não resistais ao mal”. (NIETZSCHE, 2017b, p. 38, §20).

De acordo com Nietzsche (2017b, p. 70, §38), a “[...] boa-nova de Jesus, de mostrar como se deve viver” foi mal interpretada pelos Apóstolos ao verem Jesus crucificado”. A palavra “cristianismo” é um mal-entendido porque houve apenas um cristão, e esse morreu na cruz. O “Evangelho” morreu na cruz. O que partiu daí é uma “má nova”, que seria uma fé na salvação por Cristo. Conforme Barros (2002, p. 51), o erro dos Apóstolos foi elevar Jesus de uma maneira exagerada, isto é, colocá-lo nas alturas como filho de Deus. Em virtude do Jesus elevado às alturas, os discípulos fazem exatamente o que outrora os judeus fizeram: separam Deus de si mesmos e o colocam nas alturas, surgindo a culpa como abismo entre o homem e Deus. Segundo Barros (2002, p. 51): “A culpa que Jesus tinha abolido no judaísmo vigente, após sua crucificação, a culpa retorna ao Cristianismo nascente na fé por meio da salvação”.

De acordo com Nietzsche (2017b, p. 72, §39), a partir desse momento, a morte de Jesus, os discípulos se revoltaram contra a ordem por não entenderem a liberdade e a superioridade do mestre ao morrer de modo exemplar, sobrepondo todo sentimento de ressentimento. Segundo Araldi (1998, p. 6), a vingança cristã iniciada pelos Apóstolos na morte de Jesus não se resume no conflito Judeia x Roma, mas sim, no conflito de valores morais demarcando os campos antagônicos, ou seja, o que é o bem e o mal, etc. Assim, os valores são os limites ou o fim em si mesmo.

A partir desses fatos, podemos dizer que ao distanciar o homem de Deus, demarcando os campos antagônicos e elevando os valores morais, até mesmo como fim em si mesmo, isso foi como matar Deus. A morte de Deus se dá quando a mensagem da vida é sufocada. A morte de Deus se dá quando a terra, o corpo e o material são negados. A morte de Deus se dá quando o “reino” fica aquém dos mil anos, ou seja, o amanhã. A morte de Deus se dá quando a experiência do coração foi transferida para um lugar inacessível. (GIACOIA JUNIOR, 2016). No inacessível, surge a angústia, o abismo ou o Niilismo. O inacessível como promessa, torna-se uma utopia que abre uma brecha para o utilitarismo.

Segundo Nietzsche (2013, p. 36), a partir da promessa utópica, surgem os sacerdotes ascéticos, e esses, assim como os historiadores que antecederam Nietzsche, tornam-se anti-históricos, porque trocaram o espírito histórico por princípios úteis que foram denominados como ações altruístas e determinantes da

origem da antítese entre o “bom” e o “mau”. Foi a partir da promoção do que é “bom ou mau” que o homem tomou para si tudo o que é baixo e inferior, tornando-se oposição a tudo o que é nobre e superior.

Nietzsche critica a história que o antecede e a Europa vigente em sua época, com fortes indícios do utilitarismo que sempre tem revelado aquilo que é bom e conveniente. Todavia, os judeus em sua historicidade também beberam do utilitarismo. A ideia do utilitarismo foi, assim, o *iceberg* da consciência humana para dar nome às coisas, isto é, o utilitarismo cria rótulos, como por exemplo, no campo da moral, nomeando o pecado, a culpa, como declínio às apreciações do homem nobre. (NIETZSCHE, 2013, p. 38). Podemos dizer que as técnicas dos pecados, dos medos e das vinganças, foram ferramentas do utilitarismo.

Neste contexto, é possível dizer que Jesus é um transvalorador, porque resolve tomar um caminho diferente para dar conta de uma vida que se afirma. Por outro lado, Jesus, não sendo da classe sacerdotal, se denomina sacerdote e cordeiro, ou seja, aquele que tira o pecado, aquele que alivia o fardo e oferece possibilidades de vida.

É possível dizer que, no primeiro momento de sua afirmação, Jesus vai além da condição dos mecanismos, dos utilitarismos, dos sacerdotes judeus. Embora Jesus ofereça a misericórdia que seria a capacidade de sentir com a outra pessoa, essa atitude de misericórdia e de altruísmo de Jesus é refutada por Nietzsche, porque usufrui da misericórdia, querendo evitar a dor. Evitar a dor não pode terminar senão numa religião do amor. Neste ponto, Nietzsche não vê Jesus como um transvalorador, mas como alguém próximo a Epicuro, figura crepuscular que foge da dor, isto é, pratica uma ação de ódio à realidade por não aceitar a dor. (GIACCOIA JÚNIOR, 2016). Ora, se Nietzsche vê Jesus como um dos iniciadores de um amor platônico, então, quem é Jesus?

### **3.4 Jesus Seria um Ressentido?**

Quem é Jesus para Nietzsche? Jesus é um idiota em meio a um povo muito astuto. (NIETZSCHE, 2012, v. 7, p. 14, §38). O idiota, para Nietzsche, não é um sentido desprovido de atenção, sem iniciativa e imaginação. De acordo com Barros (2002, p. 63), no livro *A Genealogia do Cristianismo*, a palavra idiota quer atestar o caráter propriamente “extra social”, ou seja, Nietzsche quer demonstrar que Jesus



vivia apenas em unidade consigo mesmo e que o simbolismo em torno do qual ele orbitava estava à margem de toda a religião, de todos os conceitos, de culto etc.

Jesus é extra social. Jesus é a “boa notícia” da unidade consigo mesmo, porque mostra como se deve viver. No livro *O Anticristo*, esse “bom mensageiro” morreu tal como viveu, como ensinou, não para “redimir os homens”, mas para mostrar como se deve viver. Assim, diz Nietzsche (2017b, p. 66, §35): “A prática de Jesus na cruz deixada para a humanidade foi a de não se defender, não se encolerizar, não responsabilizar, mas também não resistir ao malvado”.

Como já foi dito anteriormente, Jesus nega o abismo entre o homem e Deus e em troca afirma o reino divino dentro de cada homem conforme o Evangelho segundo Lucas (Lc. 17, 21,39). (EVANGELHO ..., 2015a, p. 1338). Para Nietzsche (2017b, p. 75, §41), o tipo Jesus não vive a “boa-nova” de privilégio e sim, de uma unidade de Deus e do homem. Para Barros (2002, p. 66), “o Jesus psicológico certifica a unidade na ausência de inimizade, na prática que desmascara a comunidade política e religiosa que dispõe de instrumentos coercitivos como ordem dominante de um poder firmado no ressentimento”.

Bittencourt (2011, p. 1) ressalta a ausência de inimizade em Jesus, dizendo que sua prática é uma genuína vida cristã, possibilitando, com seu modo original de proceder, alçar sua “boa-nova” com a própria vida. A não reivindicação de Jesus aos adversários representa a capacidade do tipo psicológico de Jesus em suportar todo tipo de ressentimento.

Giacoa Júnior (2019) vai pontuar que a ação de Jesus é uma potência genuína que expande e evolui, por causa de sua afirmação da vida. A vida genuína que o Jesus psicológico vive, é afirmada sem culpa, sem pecado e sem expiação. A afirmação da vida do tipo Jesus é uma prática evangélica e expansiva, porque nela acontece a comunhão com o Pai, o próximo e o mundo externo, que adquire consistência da verdadeira realidade interna. A consistência da prática de Jesus é um reino sem distância entre o homem e Deus. Portanto, a evolução de Jesus se dá porque sua prática é comunhão universal que se exime de fórmula ou rito (GIACOA JÚNIOR, 2016). Ora! Se a comunhão do Jesus psicológico de Nietzsche se dá na universalidade com a evolução em um todo, em que consiste a universalidade do Jesus psicológico de Nietzsche?

A universalidade de Jesus com o todo consiste no estado do coração, que se dá na comunhão universal. É importante ressaltar que, em Nietzsche, o estado do coração à comunhão universal não é uma fórmula situada acima da terra e sim, uma

forma de vida pura de acolher os acontecimentos terrenos. A universalidade é a pureza ou a inocência de uma criança que olha sem julgar. Assim, se no olhar de uma criança não existe puro ou impuro, então, o que existe? A vida em sua inocência e expansão. Aliás, o próprio Jesus ressalta no Evangelho de Mateus (Mt 6, 26) que: “a vida é mais que o corpo, vestes e mantimentos”. (EVANGELHO ..., 2015b, p. 1244). A inocência da vida é a grandeza de viver. Ser grande é viver como as crianças, as aves e os campos que vivem a experiência de um “coração” que está em toda a parte. (GIACCOIA JÚNIOR, 2016).

A afirmação universal de Jesus psicológico é uma prática de vida que não se dá acima da terra, mas na submissão a ela. A prática de Jesus se apresenta não como uma fórmula moral e religiosa, mas como alguém que ama cada ação e vontade que tem, porque amar o nosso destino e nossas ações nos leva a realizar nossos objetivos mais transformadores. (GIACCOIA JÚNIOR, 2016).

De acordo com Nietzsche (2017c, p. 32, §6), no livro *Crepúsculo dos Ídolos*, na abordagem da moral, o filósofo enfatiza os quatro erros cometidos pela moral. Queremos em especial abordar o segundo erro, que visa à religião da fórmula. A religião da fórmula é o Cristianismo que diz: “faça isso e aquilo! não faça isso e aquilo! – assim será feliz!” Para Nietzsche, toda a moral e toda a religião é um imperativo enfatizado pelo pecado original da razão. Logo, é pela razão e na razão que a ordem imperativa do “faça isto ou aquilo” toma sua forma representativa no fisiológico criando relações com pessoas e coisas.

Para Nietzsche, a razão é contrária à afirmação universal de Jesus psicológico; a razão é pressão e tensão-explosão no jogo dos órgãos porque queremos uma razão para nos acharmos bem ou mal. Desse modo, Nietzsche vê que a razão que, aparentemente, quer dominar, não passa de um sistema que excluiu outras causas e explicações. O sistema que exclui outras causas e explicações é um conceito imaginário do mundo como vontade e representação. O sistema excludente é o ato de criar ou elevar uma enganadora esperança de explicações dos sentimentos gerais a tudo que desagrada. “É o prazer e o desprazer como força e plenitude, dá falsa tranquilidade”. (NIETZSCHE, 2017c, p. 37, §6).

Quando reportamos ao Evangelho de Mateus (9, 20-21), que relata a história de uma mulher que sofre o fluxo de sangue e, por isso, é considerada impura pela religião judaica (EVANGELHO ..., 2015b, 1249), vemos que Jesus rompe com a impureza provinda de uma razão que transformou o orgânico em sobrenatural. O fluxo

de sangue, tirando o excesso, é um ato orgânico de uma mulher que, numa interpretação de fé, transforma-se em vergonha e exclusão social; torna-se um fardo penoso, porque a pessoa vive à espera de um “milagre”. No entanto, a razão do penoso, da culpa, é superada pela mulher, quando movida pelo impulso de buscar força, aproxima-se de Jesus.

Jesus reforça na mulher a força da superação e afirma a força através da palavra, dizendo: “Tua fé te salvou”. A prática de Jesus é a instauração da pessoa para que tenha superioridade sobre todo o pensamento e saia da condição de culpa e pecado sem prender-se no ressentimento. Nesse sentido, é possível ver a força do tipo Jesus que se expande e faz a mulher ter uma experiência real. Nas palavras de Giacoia Júnior (2016), é possível dizer que a ação do Jesus psicológico é uma ação extremamente humana, porque não usa fórmula pronta, mas a ação transformadora do sim à vida.

Segundo Marton (2000, p. 61), Nietzsche projeta a ação transformadora na figura de Zaratustra. Zaratustra, ao descer da montanha no intuito de uma ação transformadora, não é a penúria alheia, mas a própria abundância. O que o impulsiona não são as carências do homem, mas o transbordamento do mundo. Podemos comparar Jesus com Zaratustra no quesito de impulso, não pela carência do homem, mas pelo transbordar do mundo.

Parafrazeando a frase de Nietzsche sobre Zaratustra, podemos dizer que a condição de transvaloração é uma forma de superação e expansão de Jesus em si mesmo. Mais uma vez se retoma o que antes havia sido dito: a coragem do Jesus psicológico faz transvalorar todos os valores para atravessar o Niilismo. Jesus atravessa o Niilismo porque tira todo o valor da lei e o coloca na vida. A partir do pensamento nietzschiano, é possível dizer que a vida de Jesus é colocada acima da lei. Conforme Azeredo (2003, p. 66) diz: “E todo aquele que põe a vida acima da lei, a transpõe para um outro valor. Jesus vive o valor da vida na força ativa que enfrenta os acontecimentos com determinação”.

Marton (2000, p.60), no livro *Extravagâncias - Ensaio Sobre A Filosofia De Nietzsche*, “relata que transvalorar é derrubar todos os ídolos, demolir os alicerces”, dinamitar os fundamentos. Nesse sentido, é possível dizer que Jesus é um transvalorador por dispensar outros valores que não fossem a vida. Jesus anuncia a boa nova, Jesus é a boa nova. Jesus anuncia a si mesmo como o homem forte. A força genuína de Jesus, que anuncia a si mesmo como expansão e domínio, não vem

da doutrina dos escribas judeus, mas da sua própria vontade de potência de expandir e acolher o destino. O destino amado e acolhido por Jesus é visto como possibilidade de superação a tudo o que é imposto, a tudo o que freia a fonte afirmativa na vivência da bem-aventurança interior. (GIACCOIA JÚNIOR, 2016).

Nietzsche (2017b, p. 63, §33), no livro *O Anticristo*, fala do tipo Jesus como um homem livre que apresenta a moral dos senhores. Jesus é o homem livre porque sua liberdade vem do expandir-se em uma nova conduta, que seria não se encolerizar com ninguém, não menosprezar ninguém. Desta maneira, é possível dizer que o tipo psicológico de Jesus não é um ressentido e, sim, um homem livre, senhor e nobre, que experiencia a realidade, sem impor moralidade.

Jesus não é ressentido porque não comparece a tribunais, nem permite que eles o convoquem. Nietzsche insiste: a vida de Jesus é uma prática. Em vista disto, a prática de Jesus como fonte de vida é uma ação afirmativa da bem-aventurança interior de Jesus. Conforme Nietzsche (2017b, p. 63, §33): “A ação afirmativa da vida interior de Jesus não vem do querer adaptar-se ou conformar-se com o sistema religioso ou político vigente de sua época para sobreviver”. A prática de Jesus é o sim à vida e à cruz. O Jesus psicológico afirma a vida até as últimas consequências. Desse modo, Jesus nada fez para afastar de si esse destino, como também, nada fez para formular qualquer agressão aos seus agressores ou para entregar-se ao ressentimento. (BITTENCOURT, 2011).

Retomando o tema central de nossa pesquisa, *Nietzsche e as implicações do Niilismo para uma releitura do Cristianismo e da prática de Jesus*, podemos dizer que Nietzsche vê em Jesus uma força ativa e afirmativa da vida que acolhe o destino. Ao traçar o Jesus que afirma a vida e acolhe o destino, Nietzsche abre brecha para acreditarmos na hipótese de que Jesus tem condição de superar o Niilismo. A condição do Jesus psicológico de superar o Niilismo se dá no fato de não abolir o mundo real. De acordo com Nietzsche (2007, p. 42 apud BITTENCOURT, 2011, p. 112), no artigo *Nietzsche e a Idiotia Divina de Jesus*, o “[...] ‘portador da boa nova’ morreu como viveu, como ensinou, não para ‘redimir os homens’, mas para mostrar como se deve viver”, ou seja, a prática de Jesus não defende, não se encoleriza, não atribui responsabilidade e tampouco resiste ao mal.

A vida prática genuína e evangélica do Jesus psicológico expressa a alegria de viver sobre este mundo, no estado interativo com o divino, em uma ação doadora de vida, consigo mesmo e com tudo o que o rodeia e, por conseguinte, o Jesus que vive

a ação doadora de vida que não cede a nenhum estímulo externo e agressivo. De acordo com Giacoia Júnior (2016), Nietzsche, ao fazer a releitura da prática de Jesus, afirma que Jesus não valora negativamente o homem e mundo.

De acordo com Nietzsche, se a vida e a morte de Jesus se fortalecem na prática do viver e na valoração do homem e do mundo terreno, em Jesus temos a ideia do viver os fatos como eles são, de modo que não é preciso excluir as coisas ou os acontecimentos terrenos e, tampouco, enfrentar a tragédia com uma fé que seja subsidiada por uma explicação que não seja a própria força ou a realidade, por exemplo, a superação da dor a partir da crença na vida eterna ou na ressurreição. (NIETZSCHE, 2017b, p. 75, §41).

Para Nietzsche, o pagamento e a redenção são valores colocados sobre o cordeiro imolado. Interpretar a morte de Jesus como o cordeiro que redime foi um mecanismo moral usado pelos Apóstolos e continuado pelo Cristianismo moderno como uma oportunidade para os apóstolos fundamentarem o ressentimento e a vingança com a classe sacerdotal de um Cristianismo de rebanho e de crença na imortalidade (NIETZSCHE, 2017b, p. 75, §41). No mesmo pensamento nietzscheniano, Bittencourt (2011, p. 113) afirma que a ideia do 'cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo' é um discurso eclesiástico de reparação moral que deturpou a experiência originária de comunhão com o sagrado. A deturpação do sagrado denota-se na incompreensão da mensagem evangélica, que seria trocar a experiência por uma vivência psicológica de culpa.

É importante ressaltar que o instinto da vivência psicológica nietzschiana difere da conduta do Cristianismo. Enquanto Nietzsche vê a vivência da interioridade psicológica como impulso na mudança de conduta, o Cristianismo vê a interioridade como sentir-se no céu, para sentir-se eterno. (NIETZSCHE, 2017b, p. 62, §33).

De acordo com Azeredo (2003, p. 9), no livro *Nietzsche e a Dissolução da Moral*, Nietzsche não critica a interioridade da compreensão, porque a interioridade é organizadora da exterioridade na vontade de potência, enquanto impulso básico de afeto e agir, do interpretar e do avaliar. Nietzsche critica o falso conhecimento que é o ideal da moralidade que mede e valora a vida. (AZEREDO, 2003, p. 8). Para Marton (2000, p. 40), no livro *Extravagâncias e Ensaios Sobre a Filosofia de Nietzsche*, o agir sem interpretar gera a potência que dá força a efetivar-se, criando novas configurações em sua relação, sem coagir as forças a se relacionarem no mesmo padrão.

Podemos perceber, a partir da fundamentação bibliográfica de Nietzsche, que é possível dizer que o Cristianismo nascido com os Apóstolos na morte de Jesus e posteriormente o Cristianismo paulino que chega à modernidade, não compactua com a prática de Jesus, porque a raiz cristã nasce do cordeiro imolado do bem e do mal, da culpa e da redenção, etc. De acordo com Nietzsche (2017b), a raiz cristã do cordeiro imolado passa a ser uma invenção sem fundamentação na história da vida do Jesus psicológico. Ora, se a raiz do Cristianismo não se fundamenta na vida de Jesus e sim na morte, não na terra e sim no céu, não ao homem sadio e sim no homem doente, então, de onde vem a invenção da redenção do Cristianismo? De acordo com Nietzsche, a redenção do homem cristão vem de Sócrates.

Nietzsche (2017, p. 18, §2), no livro *Crepúsculo dos Ídolos*, diz que: “Sócrates foi um mal-entendido. Toda a moral do aperfeiçoamento, também a cristã, foi um mal-entendido, porque a racionalidade sem instinto e em resistência ao instinto foi apenas uma doença e não um caminho de volta à ‘virtude, à saúde e à felicidade’”. O Cristianismo que surge do homem doente, contaminado pelo pecado, vem da contribuição do pensamento de Sócrates. Por outro lado, o fanatismo de submeter a racionalidade à moral surge a partir de Platão. Portanto, se a fundamentação do Cristianismo de bem, de felicidade, etc, vem de Sócrates e Platão, Nietzsche (e seu discurso) vai dizer que a base cristã não passa de uma fundamentação racional, uma fórmula moral para combater os instintos e a vida. (NIETZSCHE, 2017b, p. 18, §2).

Do mesmo modo, a fundamentação moral do Cristianismo, inspirada pelos Apóstolos, para Nietzsche, é um salto para o abismo. A moral fundamentada é um vazio que acentua a impotência e a decadência enquanto vida (NIETZSCHE, 2017b, p.18, §2). Marton (1990, p. 65), no livro *Extravagâncias - Ensaios Sobre A Filosofia De Nietzsche*, acentua que “[...] a interioridade, quando se sente incapaz de suportar a própria finitude, concebe a metafísica. Portanto, o homem incapaz de tolerar a visão de sofrimento imposta pela morte construiu o Cristianismo”.

Podemos perceber, a partir dos textos de Nietzsche e de seus comentaristas, que “o Cristianismo, ao submeter o homem a um desenvolvimento progressivo da racionalidade em vista de um estado final de perfeição, promoveu a estagnação que o impossibilita de construir e transformar o porvir”. (AZEREDO, 2003, p. 131). Todavia, a responsabilidade e a moralidade não foram suprimidas, mas transformadas e acentuadas pela imposição da história. De tempo em tempo, de uma história para outra história, o que Nietzsche nos leva a perceber é uma formulação, uma

organização e uma instituição da moral dos escravos que faz do homem um indivíduo amansado, domesticado e doente. (AZEREDO, 2003, p. 131).

A análise nietzschiana não vai contra o desenvolvimento e a responsabilidade do homem, mas contra a dívida ligada à culpa e à responsabilidade. Nietzsche não quer referir-se àquele que não se responsabiliza pelo seu ato, mas àquele que não é responsável perante nenhum tribunal, nenhum costume, nenhuma lei. Segundo Azeredo (2003, p.142) “o indivíduo expansivo de Nietzsche é o que consegue expandir sem culpa e com responsabilidade, assumindo seus atos à força de potência”. Este, configura-se com a realização do homem.. Portanto, o Jesus da prática, para Nietzsche, é o homem que assume seus atos e se difunde sem culpa e sem julgamento.

De acordo com o pensamento nietzschiano, o tipo Jesus psicológico não compactua com o Jesus redentor do Cristianismo. Enquanto o primeiro vive a vida e a morte como uma prática de vida expansiva, o segundo foi criado e imposto a partir da doutrina do julgamento e do retorno da nova vinda, do homem doente que se mortifica e retrai para alcançar o fim último. Deste modo, a doutrina e o julgamento partem da ideia da morte sacrificial, o cordeiro imolado, e da doutrina. Para Nietzsche (2017c, p. 27, §5) “o ideal sacrificial distancia o homem do perdão, da reconciliação e do compromisso para prendê-lo a estado doentio. A Igreja primitiva combate a paixão, divinizando e espiritualizando o desejo”.

O Jesus redentor é doutrina do julgamento e do retorno para o julgamento do homem. Neste sentido, o que o Cristianismo perdeu ou escamoteou foi a realidade do Evangelho inteiro, isto é, a verdade histórica, como conceito da bem-aventurança, deixa de ser a realidade existencial e passa a ser um estado após a morte (NIETZSCHE, 2017b, p.75, §41). Segundo Nietzsche, a doutrina do julgamento e do retorno se distancia de Jesus de Nazaré por não exercer sua atividade de valorar a vida e o mundo. O estado de morte inverte os fatores da vida, quando a vida deixa de ser fim em si mesma para dar lugar à lei como fim. A lei como fim e não como meio de alçar a defesa da vida torna-se incapaz de atingir as mediações históricas e de compreender o ser humano na sua unidade entre particular e universal. (FEILER, 2015, p. 49).

Nietzsche (2017b, p. 73-75, §40-41), no livro *O Anticristo*, acentua que a morte de Jesus proporcionou o golpe do evangelho de todas as promessas irrealizáveis, isto é: “O Cristianismo que promete tudo, mas não cumpre nada”. (AZEREDO, 2003, p. 9).

Nietzsche, ao fazer uma genealogia do Cristianismo, quer desmistificar a religião de uma moral que cria valores e impõe sentidos.

Nietzsche (2017c, p.14), no livro *Crepúsculo dos Ídolos*, vai dizer que em todos os tempos os homens mais sábios, a começar por Sócrates, Platão, etc., fizeram o julgamento da vida. Os pensadores que antecederam a Nietzsche sempre disseram: “a vida não vale nada”. Com isso, só emitiram juízos de valor acerca da vida. Nietzsche (2017c, p. 14) defende que o valor da vida não pode ser estimado por nada, nem por um vivo, “pois ele é parte interessada, até mesmo objeto de disputa e não juiz, não por um morto, por outro motivo”. Ademais, na contextualização nietzschiana, o Cristianismo expulsou o verdadeiro mundo quando se apegou à fábula do pensamento socrático-platônico, isto é, o mundo verdadeiro é expulso para firmar o prometido que seria um pensamento, um consolo, uma obrigação, um imperativo.

O mundo inalcançado e prometido seria a inspiração da razão e o despertar do positivismo. Nietzsche (2017c, p. 25, §4), no livro *Crepúsculo dos Ídolos*, critica “[...] o abolir o mundo verdadeiro para se firmar na algazarra de Platão”. Parfraseando Nietzsche, podemos dizer que o Cristianismo deixou a prática do Jesus psicológico para admitir a “verdade” de Platão, que Nietzsche denomina como momento da sombra, fim do longo erro que seria uma ideia que para nada mais servia. Aliás, Nietzsche (2017c, p. 24, §3) diz que: “O mundo de fábula, posteriormente organizado por Kant, não se acerca de outro mundo que não seja a fantasmagoria de uma vida”, ou seja, outra vida melhor. Neste caso, vingamo-nos da vida tornando-nos um cristão insidioso, ou seja, um cristão que pode parecer benigno, mas pode ser doentio, contagioso. O estado doentio em Nietzsche é a vida que se prende ao nada ao invés de querer sempre mais e mais. Nietzsche interpreta a história do Niilismo ocidental como sendo o desdobramento do ideal platônico da verdade, na moral cristã. É célebre a afirmação de que o “Cristianismo é platonismo para o povo”. (NIETZSCHE, 2017c, p. 24, §3).

Retomando o subtítulo: quem é Jesus para Nietzsche? Jesus é a “boa notícia” da unidade consigo mesmo. Jesus é o bom mensageiro, porque morreu como viveu e como ensinou. A prática de Jesus é o não se defender, o não se encolerizar, o não responsabilizar e não resistir ao malvado. Portanto, Jesus é a vivência da bem-aventurança interior que, em sua práxis, vai em oposição à vingança, ou seja, Jesus não é um cristão doentio.



A prática de Jesus é uma vida orgânica. De acordo com Bartolomé Ruiz (2014, p. 10), no *XVII Colóquio de Filosofia, Unisinos*, a organicidade da vida é a *Zoe*, que seria uma vida regida pelas determinações da natureza, tais como: nascimento, envelhecimento, morte etc., por conseguinte, a natureza da vida, humana e não humana, está fora do domínio da política ou de um governo.

É importante ressaltar que o nosso objetivo não é negar a vida espiritual do Cristianismo que se dá a partir do Ressuscitado e sim identificar o distanciamento do Cristianismo da vida prática de Jesus e sucessivamente a consumação do Niilismo no Cristianismo. E o que seria a consumação do Niilismo no Cristianismo?

### **3.5 A Consumação do Niilismo no Cristianismo - Cristianismo na Forma do Reino de Deus**

No livro *O Anticristo*, A vida de Jesus foi uma prática sem necessidade de fórmula ou rito algum, inclusive para se relacionar com Deus. De acordo com Nietzsche (2017b, p. 62, §33) “Jesus, por seu modo de agir e pela prática de vida, não precisou nem sequer de oração para sentir-se divino”. Portanto, a partir do pensamento nietzschiano, é possível dizer que o céu do Jesus psicológico é o profundo instinto de sentir-se na “[...] realidade psicológica da redenção e da reconciliação do amor que aceita o destino como uma nova conduta, e não, uma nova fé”. (NIETZSCHE, 2017b, p. 62, §33).

A nova conduta de Jesus da redenção e da reconciliação o faz filho de Deus que rompe com a religião judaica de penitência e oração. Ora, se Jesus se denomina o filho de Deus apenas pela prática evangélica que reconcilia o homem e o divino, logo, os conceitos das doutrinas eclesásticas judaicas, que se fundamentam na fé, nos pecados, na penitência e na reconciliação, são refutados por Jesus. (NIETZSCHE, 2017b, p. 62, §33). Jesus, ao assumir o destino e, ao pregar o amor como reconciliação e esquecimento dos fatos para não se prender no ressentimento, refuta os fundamentos eclesásticos judaicos. Portanto, para Nietzsche, a prática de Jesus de transpor a doutrina judaica tem dois momentos: o primeiro é o Jesus da força ativa que não compactua com a classe sacerdotal judaica, porque transvalora a lei moral, a penitência e os pecados por meio da autoafirmação e do sim à vida. (NIETZSCHE, 2017b, p. 64§34).

No segundo momento, o que Nietzsche evidencia é o Jesus da força reativa, que toma as realidades interiores para a implantação de um reino de Deus, o Jesus que se fez filho de Deus. Ora, “o filho de Deus não é uma pessoa concreta individual e, sim, um fato eterno como símbolo psicológico redimido”. (NIETZSCHE, 2017b, p. 64, §34). Consequentemente, Jesus como filho de Deus é um novo sacerdote, “já que o sacerdote valora a vida a partir da negação da efetividade, pela transposição do valor ao plano imaginário”. (AZEREDO, 2003, p. 173).

Para Nietzsche (2017b, p. 62, §33), Jesus se torna reativo quando “[...] prega o reino de Deus que virá, eterniza a realidade, porque convida o instinto humano a viver e sentir-se no céu, para sentir-se eterno”.

De acordo com Nietzsche (2017b, p. 62, §33), Jesus, ao afirmar uma realidade psicológica da redenção para sentir-se o céu aqui na terra, não passa de uma doutrina que prega o futuro vindouro. Segundo Feiler (2018, p. 17), no artigo *Nietzsche e o Nihilismo. Uma Experiência Possível*, “[...] a encarnação de Deus é vista como um problema, o da secularização do Cristianismo, da humanização de sua essência pela racionalização da fé cristã”.

Nietzsche (2017c, p. 24), no livro *Crepúsculo dos Ídolos*, refere-se ao “Deus problema da secularização como doutrina do vindouro que tem uma psicologia dos ‘melhoradores’, como todos aqueles que têm como princípio a vontade incondicional de ir contra o que é forte”. Propagar o que é fraco, refere-se à força reativa. Azeredo (2003, p. 174), no livro *Nietzsche e a Dissolução Da Moral* diz que: “O sacerdote tem uma doença e, na propagação dela, sua condição de vitória sobre a vida e sobre os fortes”. Será que Jesus foi um novo sacerdote da propagação da vitória sobre a vida e sobre os fortes?

Respondendo a esta pergunta, Nietzsche (2017b), no livro *O Anticristo*, diz que Jesus nada poderia querer com sua morte, senão dar publicamente a prova mais forte: a demonstração de sua “boa-nova”. Diz Nietzsche (2017b, p. 73, §40): “Mas seus discípulos, longe de perdoar essa morte, o que os discípulos traçam é a revolta contra a ordem”.

Jesus nada mais foi que sua prática. De acordo com Barros (2002, p. 19), no livro *A Maldição Transvalorada*, o pensamento nietzschiano afirma que o tipo Jesus não concebeu nenhuma outra coisa senão aquilo que ele praticava, ou seja, sua ação transformadora da vida. Segundo Nietzsche (2017b, p. 74, §40): “A força intuitiva de

Jesus foi ver o reino de Deus aqui na terra, de modo que o seu ensinamento transformava todos em filhos de Deus”.

Retornando ao título, a consumação do Niilismo, o Cristianismo na forma do Reino de Deus, se deu na interpretação errada dos discípulos. Para Nietzsche (2017b, p. 73, §40), a morte de Jesus não poderia querer provar publicamente sua vida. Mas seus discípulos estavam longe de perdoar essa morte. Portanto, com a vingança contra os judeus, eles separaram a Deus de si mesmos e o colocaram nas alturas.

Para Nietzsche, quando a boa nova de Jesus sofre a mudança de sacrifício expiatória, o Cristianismo rompe com o fato histórico e cria a crença de rebanho, deixando espaço para que o homem não supere o Niilismo, porque está trocando tudo o que é forte pelo evangelho das promessas. A consumação do Niilismo no Cristianismo como forma do Reino de Deus se dá quando o Cristianismo troca a nova conduta do destino pela afirmação de um fim último para a vida, ou seja, “[...] a felicidade da terra pela imortalidade concebida por Pedro e Paulo”. (NIETZSCHE, 2017b, p. 78, §44). De acordo com Bittencourt (2011), no artigo *Nietzsche e a Idiotia Divina de Jesus*, a consumação do Niilismo no Cristianismo como forma do Reino de Deus se dá quando o Cristianismo troca a nova conduta do destino pela afirmação de um fim último para a vida, como por exemplo: imortalidade e Ressurreição, como também, usa o pensamento teológico moral como instrumento de dominação que exclui a certeza da perpetuação da vida.

A consumação do Niilismo no Cristianismo como forma do Reino de Deus se dá quando o Cristianismo troca a nova conduta do destino pela afirmação de um fim último para a vida a partir da práxis do Evangelho da gente baixa, que reflete as indagações sobre os acontecimentos e o fim último da vida e esquece o tempo presente; deixa de lado os instintos e os anseios. Desse modo, a única fala que no Novo Testamento deve ser levada a sério é a de Pilatos, governador romano, que diz: “o que é a verdade?” (NIETZSCHE, 2017b, p. 87, §47).

A consumação do Niilismo no Cristianismo como forma do Reino de Deus se dá quando o Cristianismo troca a nova conduta do destino pela afirmação de um fim último para a vida negando o amor *fati*, significa destino, o eterno retorno. O eterno retorno nietzschiano seria aplicar uma atitude de querer viver e reviver as mesmas experiências infinitas vezes, não importando o quão trágico ele foi. É que com a mentalidade do eterno retorno, é possível o indivíduo reviver essa experiência diversas vezes, com o máximo de amor.

O Cristianismo na forma de Reino de Deus como prática de Jesus é o acolhimento ao nosso destino, é a beleza em encontrar no real o necessário, como por exemplo, a música e a arte. É estar aberto às várias possibilidades de expressões da vida etc. Essa é uma grande ferramenta que Nietzsche apresenta para os momentos de felicidade, bem como para os momentos difíceis.

O Cristianismo, na forma de Reino de Deus como prática de Jesus, é viver o amor *fati*, é para transformar o “foi assim” em “eu quis assim”. É que a mudança de mentalidade dá um sentido próprio ao que aconteceu e dá responsabilidade ao destino e, com isso, o transformar apresenta uma chave importante para superar o passado, aceitar o que lhe foi dado e tirado. Segundo Nietzsche (2017b, p. 86, §46), “na vida e morte de Jesus, foi difícil para os discípulos terem visto o que foi dado pelo mestre de Nazaré, a autêntica prática do testemunho, do amor e do perdão e da reconciliação”.

O Cristianismo, na forma de Reino de Deus como prática de Jesus, é possível quando a mentalidade da Igreja assume a responsabilidade do que já aconteceu em sua vida e se torna capaz de seguir adiante. O Reino de Deus se torna autêntico quando o bom e o ruim, a dor e o prazer, o negativo e o positivo, fazem parte do equilíbrio da vida. Portanto, viver o reino de Deus é amar o que acontece e o que acontecerá, para nos tornarmos superiores como indivíduos e como sociedade. O Cristianismo, na forma de Reino de Deus como prática de Jesus, em vez de esperar que um poder transcendente justifique o mundo, necessita de que o homem dê sentido à vida, e para isso, o homem deve se amar a cada instante como ele é. Porém, seguir este conselho não quer dizer abaixar a cabeça, dar a outra face ou seguir a injustiça. (NIETZSCHE, 2017b, p. 86, §46).

O amor *fati* de Nietzsche aplicado no Cristianismo é negar toda calúnia, toda acusação contra a vida. Assim, aplicar o amor *fati* não é conformismo, nem uma ação de se acovardar ou se ressentir e, sim, amar tudo o que diz respeito à nossa vida. Por isso que devemos amar a luta, a revolta, a insubmissão. O Cristianismo, na forma de Reino de Deus como prática de Jesus, seria o amor *fati*, que significa amar o que tinha que ser, sem deixar de amar a vontade de querer agir em si e no mundo. Portanto, a luta faz parte do amor. É preciso ir além dos paradoxos deste mundo, e só se pode ir além amando-os a ponto de entender que os paradoxos fazem parte da transformação maior e cada vez mais alta. Porque “[...] temos cada vez mais vontade de dizer sim, vontade de estar no mundo, vontade de amar”. (NIETZSCHE, 2017b, p. 86, §46).

Ao trilhar esse conceito é importante lembrar que ele não traz a verdade absoluta e nem sobrepõe uma ideologia, porque o amor *fati* nietzschiano não define o que é certo ou errado. Assim, a verdade só existe para quem acredita ser verdade. Portanto, o grande martelo desta realidade é amar o destino que cada indivíduo define em sua vida, seja ele qual for, pois amando o seu destino, o seu objetivo, o indivíduo poderá alcançar grandes transformações em si mesmo e no mundo. O Cristianismo, na forma de Reino de Deus como prática de Jesus, tem uma cisão, porque “[...] ainda não deu os seus primeiros passos - os instintos do asseio estão ausentes” (NIETZSCHE, 2017b, p. 86, §46). O Cristianismo que assume o Reino de Deus é aquele que toca na realidade e dá as ferramentas certas para cada indivíduo viver a vida de peito aberto, porque não temos o controle dos acontecimentos externos relacionados à vida humana. (NIETZSCHE, 2017b, p. 88, §47).

O Cristianismo que assume o Reino de Deus é aquele que toca na realidade e dá as ferramentas para que a doença não se torne ressentimento e consuma as forças do organismo e o debilite. Tocar na realidade e dar as ferramentas só é possível quando o cristão aceita ser forte, abandonar o instinto de rebanho, ser feliz ao invés de sofredor e malgrado, ser a exceção ao invés de instinto medíocre. (BITTENCOURT, 2011, p. 5).

O Cristianismo que assume o Reino de Deus é aquele que toca na realidade e dá as ferramentas para que o homem seja um Niilismo ativo, tenha a capacidade de mergulhar no abismo de si mesmo; de confrontar as próprias forças e limites; de “[...] abrir espaço para os pontos fracos e fortes e ter a capacidade de destruir o Niilismo dentro de si sem acelerar para o futuro e sem retroceder ao passado”. (NIETZSCHE, 2017b, p. 5). Viver um Cristianismo autêntico significa ir além de nossos vícios disfarçados de “virtudes”. De acordo com Feiler (2015, p. 55), apesar de Nietzsche criticar o Cristianismo da lei, o filósofo alemão se revela um homem de fé profundamente preocupado com o seu destino.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, Nietzsche e as implicações do Nihilismo para uma releitura do Cristianismo e a prática de Jesus, mostrou-se eficiente em uma sociedade moderna ocidental marcada por uma transformação social, que almeja o futuro que chega à fraqueza e à negação da vida. A morte de Deus e o enfraquecimento do homem, constatou que o Nihilismo, permitiu dar início à crítica ao homem da modernidade, que vive implicações nihilistas idealistas e, ao mesmo tempo, permitir criticar um tipo de Cristianismo que enfraquece o homem através de preceitos morais. Para compreender a prática de Jesus, é de suma importância a fundamentação histórica para a tomada de decisões dentro do ambiente cristão.

A fundamentação histórica deve ser constantemente intensificada na realidade como forma fisiológica para criar relações com pessoas e coisas, a exemplo da realidade inter-religiosa, seitas, e a orientação sexual. Com essa visão, os próximos passos para a melhoria contínua de um Cristianismo com a prática de Jesus seriam: corrigir o sentimento de valor que apresenta um outro mundo como meta e não como consequência de uma vivência a partir das escolhas; superar a tentação fundamentalista, textos bíblicos carregados de preconceitos; enfatizar a potência de vontade que abre espaço para o homem habitar neste mundo. O mundo novo é a prática de alavancar a vida com inúmeras possibilidades para viver o destino. A prática de Jesus é autêntica, porque ele prega a si mesmo como interação com Deus e com o outro. A prática de Jesus para o Cristianismo moderno é um convite a reler a vida como ela é. Portanto, é preciso rever as raízes da experiência cristã, superar a moral do ressentimento da força reativa que reduz o ser cristão a dogma e crença eclesiais.

É possível perceber que os escritos sobre Jesus no Novo Testamento se aproximam mais dos dogmas cristãos do que da prática de Jesus. Por conseguinte, a universalidade do Cristianismo afirma a verdade, isto é, o que pode ou não pode, a exemplo dos sacramentos, que algumas vezes são administrados não para que o fiel se aproxime de Jesus porque a forma e o método aplicados são para os cumprimentos e os preceitos ritualistas. Em virtude disso, às vezes, o sacramento serve mais para afastar, julgar ou distanciar o ser humano de Deus. Implantar uma prática acolhedora e reconciliadora, a exemplo da vida de Jesus, exige rever a universalidade, porque os excluídos da universalidade moral cristã foram acolhidos por Jesus. Apenas pode

experienciar a vida com a prática dos nobres aquele que diz sim à vida. Por conseguinte, a prática do tipo Jesus é uma práxis do amor, porque para ele a vida não está sublimada na moral, mas sim, para a superação da dor, ou seja, a força ativa que vai além do homem. Os efeitos da vida em ação resultam na ação positiva no homem que tem como meta última um processo evolutivo guiado por uma lei natural e pelo amor *fati*, sem excluir o transitório, os antagônicos... . Conforme o Papa Francisco (IGREJA CATÓLICA, 2018 apud PAPA ..., 2018):

[...] são os pobres a colocar em crise a nossa indiferença, porque a beleza do Evangelho está na medida em que somos capazes de discernir o verdadeiro bem que é nos tornarmos ricos diante de Deus e sábios diante de nós mesmos e dos outros”.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Giuliano Cezar Mattos de. **Cristianismo rima com Nihilismo**: um estudo sobre a questão do Nihilismo em Nietzsche. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/2980/1/giulianocezarmattosdealmeida.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2019.
- AQUINO, Felipe. O Jesus Cristo Histórico. *In*: EDITORA CLÉOFAS. **Doutrina e teologia**. Lorena, SP, 29 mar. 2019. Disponível em: <https://cleofas.com.br/o-jesus-cristo-historico>. Acesso em: 08 jun. 2019.
- ARALDI, Clademir Luís. **A radicalização do Nihilismo na obra de Nietzsche**: acerca da posição de um novo sentido de criação e de aniquilamento. 2002. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- ATOS dos apóstolos. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia**. Tradução ecumênica. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2015. p. 1388-1436.
- AZEREDO, Vania Dutra. **Nietzsche e a dissolução da moral**. São Paulo: Discurso Editorial, 2003.
- BARROS, Fernando de Moraes. **A maldição transvalorada**: o problema da civilização em o anticristo de Nietzsche. São Paulo: Discurso Editorial, 2002.
- BARTOLOMÉ RUIZ, Castor M. M.. A potência da ação. Uma crítica ao naturalismo da violência. **Kriterion**: revista de filosofia, Belo Horizonte, v. 55, n. 129, p. 41-60, jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/kr/v55n129/03.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2019.
- BITTENCOURT, Renato Nunes. Nietzsche e a idiotia divina de Jesus. **Kriterion**: revista de filosofia, Belo Horizonte, v. 52, n. 123, p. 105-119, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-512X2011000100006>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/kr/v52n123/a06v52n123.pdf>. Acesso em: 22 maio 2019.
- EVANGELHO segundo Lucas. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia**. Tradução ecumênica. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2015a. p. 1308-1351.
- EVANGELHO segundo Mateus. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia**. Tradução ecumênica. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2015b. p. 1238-1279.
- FEILER, Adilson Felício. **A ética cristã concebida pelo amor e o destino**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2015.
- FEILER, Adilson Felício. Má consciência e mal-estar civilizacional, do Nihilismo a um mundo possível: considerações a partir de segunda dissertação de para a Genealogia da Moral. **Princípios**: revista de filosofia (UFRN), Natal, v. 26, n. 50, p. 9-23, maio/ago. 2019. DOI: <https://doi.org/10.21680/1983-2109.2019v26n50ID17081>. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/17081/11671>. Acesso em: 19 mar. 2019.



FEILER, Adilson Felício. Nietzsche e o Niilismo. Uma experiência possível?. **Estudos Nietzsche**, [Vitória, ES], v. 9, n. 1, p. 8-25, jan./jul. 2018b. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/estudosnietzsche/article/view/20748>. Acesso em: 28 abr. 2019.

FEILER, Adilson Felício. **Nietzsche sujeito**: moral e cultura cristã. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

FRANCKLIN, Adelino. O Cristianismo na perspectiva nietzschiana e a superação do Niilismo. **Saberes**: filosofia e educação, Natal, v. 18, n. 1, p. 70-91, maio 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/13317>. Acesso em: 20 jan. 2019.

GHX COMUNICAÇÃO. Jesus mitológico x Jesus histórico. *In*: TERRA. [2019?]. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/ciencia/infograficos/jesus-mitologico-jesus-historico/>. Acesso em: 22 jun. 2019.

GIACOAIA JÚNIOR, Oswaldo. Nietzsche e o cristianismo. **Dossiê Cult**, São Paulo, n. 88, 2016. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/nietzsche-e-o-cristianismo/>. Acesso em: 15 abr. 2019.

GIACOAIA JÚNIOR, Oswaldo. **Nietzsche o humano como memória e como promessa**. Petrópolis: Vozes, 2013.

KONINGS, Johan. A questão do Jesus "histórico". **Horizonte**: revista de estudos de teologia e ciências da religião, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 55-58, 1997.

LAUSCHNER, Roque. **Lógica formal**: técnica de desenvolvimento do raciocínio. 3. ed. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1969.

MARTON, Scarlett. **Extravagâncias**: ensaios sobre a filosofia de Nietzsche. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche**: das forças cósmicas aos valores humanos. São Paulo: Brasiliense, 1990.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução e notas de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2017a.

NIETZSCHE, Friedrich. **O anticristo**: maldição contra o cristianismo. Tradução e notas e apresentação de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2017b.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução, notas e postácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos, ou, Como se filosofa com o martelo**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017c.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo**: de como a gente se torna o que a gente é. Tradução, organização, prefácio, comentários e notas de Marcelo Backes. Ed. comentada. Porto Alegre: L&PM, 2017d.

NIETZSCHE, Friedrich. **Fragmentos póstumos**: 1887-1889. Tradução Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. v. 7.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Tradução Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da moral**. Tradução Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2013.

PAPA Francisco: pobres nos ajudam a redescobrir a beleza do Evangelho. *In*: ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE. Santuário Arquidiocesano São Judas Tadeu. **Notícias**. Belo Horizonte, 16 nov. 2018. Disponível em: <http://santuariosaojudastadeu.arquidiocesebh.org.br/noticias/papa-francisco-pobres-nos-ajudam-a-redescobrir-a-beleza-do-evangelho/>. Acesso em: 15 jul. 2019.

RODRIGUES, Luzia Gontijo. Nietzsche e Platão: arte e orquestração das paixões. **Kriterion**: revista de filosofia, Belo Horizonte, v. 45, n. 109, p. 136-158, jun. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/kr/v45n109/v45n109a06.pdf>. Acesso em: 05 set. 2018.

RUBIRA, Luís. Filosofia de Nietzsche influenciou muitas gerações de intelectuais brasileiros. [Entrevista cedida a] Márcia Junges. **IHU On-Line**: revista do Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, ed. 529, p. 67-72, 01 out. 2018. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/529>. Acesso em: 02 jun. 2019.

SEGUNDA epístola aos Coríntios. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia**. Tradução ecumênica. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2015. p. 1481-1492. 1388-1436

SIQUEIRA, Vinicius. A moral em Nietzsche: o castrado e o espírito livre. *In*: COLUNAS TORTAS. **Autores**. [S. l.], 27 maio 2015. Disponível em: <https://colunastortas.com.br/a-moral-em-nietzsche-o-castrado-e-o-espírito-livre/>. Acesso em: 26 nov. 2018.

TRINDADE, Rafael. Nietzsche e o Niilismo. *In*: RAFAEL, Lauro; TRINDADE, Rafael. **Razão inadequada**. [São Paulo], 16 ago. 2018. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2018/08/16/nietzsche-e-o-Niilismo/>. Acesso em: 12 ago. 2018.

TRINDADE, Rafael. Nietzsche: o além do homem (ou, o super-homem). *In*: RAFAEL, Lauro; TRINDADE, Rafael. **Razão inadequada**. [São Paulo], 08 mar. 2014. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2014/03/08/nietzsche-o-alem-do-homem-ou-o-super-homem/>. Acesso em: 05 jan. 2019.

VALADIER, Paul. **Um cristianismo de futuro**: para uma nova aliança entre razão e fé. Tradução: Ana Rabaça. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

YOUNG, Julian. **Friedrich Nietzsche**: uma biografia filosófica. Tradução Marisa Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.